



OMO VI-122

84

**UMA BELEZA DO
CRUZEIRO DO SUL:
MARIA DELLA COSTA**

DEPÓSITO LEGAL
1986



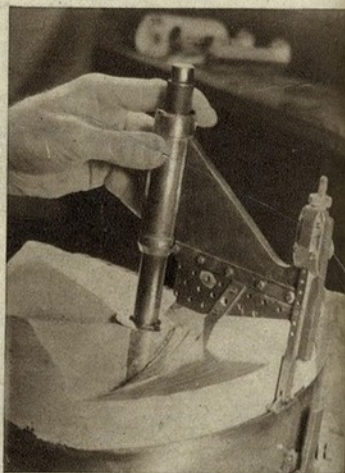
**MUNDO
GRÁFICO**

A CIÊNCIA NAVAL

O aumento da construção naval na Grã-Bretanha, durante todo o período da guerra — um aumento que se prolongará na paz, foi consideravelmente auxiliado por certos laboratórios de uma natureza muito especial. Estes laboratórios melhoram a eficiência do traçado por reduzirem a resistência do casco a um mínimo para o tipo de navio que se deseja. Os ensaios abrangem quasi todos os problemas que se ligam com a propulsão, a força motriz, o governo dos navios e a maneira como estes se portam no alto mar. Isto aplica-se tanto a navios como a outros barcos.

O trabalho ilustrado pelas nossas fotografias efectua-se no laboratório William Froude, uma das primeiras secções a ser montadas no Laboratório Nacional de Física da Inglaterra, em Teddington, perto de Londres. No laboratório existem dois tanques de ensaio, um túnel para experiência de hélices e uma oficina

(Continua na página 4)



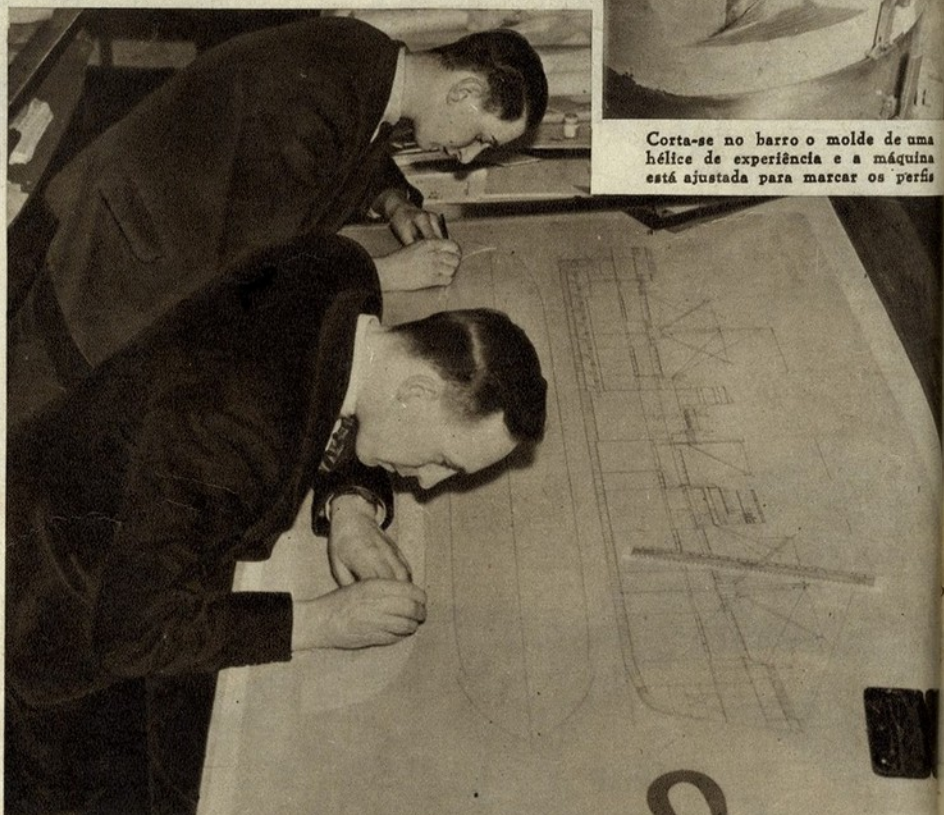
Corta-se no barro o molde de uma hélice de experiência e a máquina está ajustada para marcar os perfis



Lança-se ao mar um cargueiro



O modelo da hélice é fundido e feito de uma liga metálica conveniente. Verifica-se aqui a espessura das pás



As firmas de construções navais na Grã Bretanha podem mandar os seus novos desenhos de barcos a uma secção do Laboratório Nacional de Física para serem ensaiados antes de assentarem as quilhas nos estaleiros. Podem aperfeiçoar-se esses projectos antes de começar a construção

REFLEXOS DO MUNDO

Espírito prático

A C. K. Chesterton e algumas outras figuras de relevo na literatura, perguntaram, um dia, qual o livro que escolheriam e se encontrassem isolados do mundo numa ilha deserta.

— Todas as obras de Shakespeare — disse um dos escritores presentes sem hesitar.

— Escolheria a Bíblia — replicou outro.

— E você? — perguntou alguém a Chesterton.

— Escolheria — respondeu o autor — o «Guia de construção de navios», de Sir Thomas.

(Coutant, Clinton, Moss)

Questão de proventos

O médico: A mulher que sempre amei.

A enfermeira: Porque não casou com ela?

O médico: Por ser a minha melhor doente.

(Burnside's Weekly S. Africa)

Infantilidade

Um sargento, no decurso de uns exercícios de Infantaria, escreveu numa carta dirigida à sua mulher: — Querido, já não estou em artilharia. Transferi-me para a infantaria. Não te preocupes, pois nada me acontecerá.

A mulher respondeu: — Porque me preocupar? E's tu que estás em infantaria e não eu.

(World Digest)

Uma família como há poucas

Gueriot cita um facto passado com o Cardinal D'Armagnac que, em 31 de Julho de 1554, encontrou na rua um homem, de 81 anos de idade, a chorar porque o pai, de 113 anos, o repreendera por não ter tirado o chapéu da cabeça quando se cruzava com o avô, homem de 143 anos de idade!

(Evening Mail)



Jantares destes...

O marechal Montgomery não fuma, não bebe, nem come carne. Quando convidou, para jantar, o general nazi von Thomas, seu prisioneiro, os membros da Casa dos Comuns insurgiram-se contra o facto e apresentaram um anárquico protesto ao Primeiro Ministro.

Churchill, então, primeiro ministro inglês, comentou simplesmente: — pobre von Thomas. Já jantei uma vez com Montgomery.

(New York Columnist)

Os efeitos de uns olhos azues

Um homem de negócios examinava três raparigas, na presença de um psicólogo a quem havia pedido para o orientar na escolha de uma esmaltante.

— Dois e dois — perguntou-lhe à primeira que imediatamente respondeu — quatro.

A segunda, como resposta à mesma pergunta, disse: P. dem ser quatro, ou simplesmente dois e dois.

A terceira disse: — Dois e dois são quatro; são também dois e dois e podem ser vinte e dois.

— Eis a rapariga que lhe convém para o serviço. Aquela que resume as qualidades necessárias...

— Nada disso — interrompeu o homem de negócios — Prefiro a dos olhos azues.

(S. Africa Business Efficiency)

Partos difíceis

Como sua mulher, grávida, começasse a dar indícios de próximo parto, o jovem marido, muito agitado, correu a chamar

CASAMENTO DE GUERRA

Ele é oficial do «Caradoc», e cobriu-se de glória na batalha do Atlântico; ela pertenceu aos Serviços Auxiliares da Marinha Britânica. Casaram na igreja de Cristo, em Colombo, e sorriem aos camaradas

o médico da aldeia. Este chegou, meio a dormir, entrou no quarto e mandou imediatamente o marido para fora. Passado algum tempo, o médico abriu a porta e pediu uma chave de parafusos que o embalsacado marido correu a ir buscar. Mais uma vez o médico emergiu da porta pedindo desta vez um martelo. Quando, pela terceira vez, o médico lhe pediu a serria, o marido muito aflito, perguntou a chorar:

— Tem a certeza de que ela escapa?

— Ainda não — resmungou ele. — Mas estou convencido de que sim, se conseguir abrir a maldadada maleta.

(The Idler)

Métodos de tratamento

Foi, precisamente, isto que fizeram ao rei Carlos II quando esteve bastante doente. Em primeiro lugar uma sangria. Deram-lhe um vomitório e uma purge. Foi, então, deliziado com um clister que continha na sua composição antimónio, sal marinho, violetas, nabos de beterraba, linhaça, canela, cochoilha e aloés. Raparam-lhe depois a cabeça à escovinha e aplicaram visicatórios no couro cabeludo. E, a seguir, pô para espirrar e pô de flores da primavera para activar e inteligência.

Para beber, tinha água de cevada, alcaçuz e amendoas doces, vinho branco e absinto com

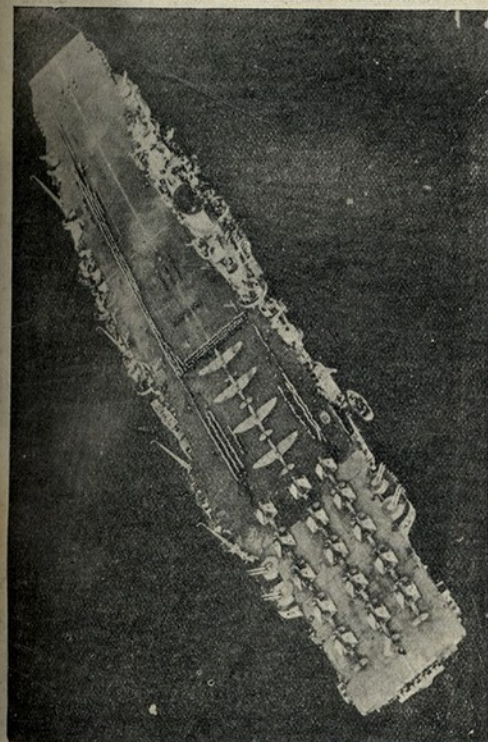
extratos de folhas de cardos, hortelã e angélica. Aos pés, aplicaram um emplastro de pecegos de Burgundy e de estume de pombos. Deram-lhe medicamentos feitos de sementes de melão, aparas de ulmeiros, água de cerejas, de lírios e de alfazema. Seguiu-se a noz moscada, o quino e o cravinho da Índia. Como não melhorasse, deram-lhe quarenta pílulas de misturas especiais. Sim, experimentaram tudo.

No entanto, morreu.

(The Reid Doctor)



Este pequenino chinês aprende a ser herói com um soldado da Grã-Bretanha que se bateu pela libertação da China



Este é o grande porta-aviões «Intrepid» que colaborou na derrota da esquadra japonesa no Pacífico

A Ciência Naval

(Continuação da página 2)

modelo. O conduto denominado Alfred Yarrow Tank tem 166 metros de comprimento, 9 metros de largura e mais de 3,60 metros de profundidade o que, na escala dos modelos empregados, representa «mar largo». Os ensaios de velocidades maiores fazem-se noutro tanque maior e ambos estão apetrechados com maquinismo para produzir ondas, de maneira que se pode calcular o efeito de mar grosso sobre a resistência do casco.

Quando saem traçados novos da mão do desenhador, qualquer construtor naval pode submetê-los, para ensaio, ao laboratório William Froude. Se os riscos forem considerados convenientes para experiência, prepara-se um molde de barro que reproduz, em vazio, a uma escala determinada, o casco a que se referem os desenhos. Os modelos de navios variam em comprimento de 4,20 metros a 6 metros. Do molde de barro tira-se uma reprodução do casco feita de parafina reforçada e nele se cortam então os contornos.

Executa este trabalho uma máquina semi-automática muito engenhosa que dá ao modelo o feitiço exacto do casco que consta dos desc-

nhos. O modelo de parafina fica rigidamente fixo a um carroto a que se dá um movimento de vai-vem. Ligado ao carroto e movendo-se juntamente com êle está a prancheta sobre a qual está fixado o desenho do traçado do casco, reproduzido a uma escala igual à do modelo. A forma do casco é indicada por um grande número de linhas de contorno, traçadas a níveis escolhidos, e o operário regula o movimento de um indicador, obrigando este a seguir as linhas traçadas, à medida que se desloca o desenho. O volante que regula o movimento do indicador regula também dois desbastadores rotativos que funcionam simetricamente e que cortam a parafina até à profundidade indicada pelas linhas do desenho.

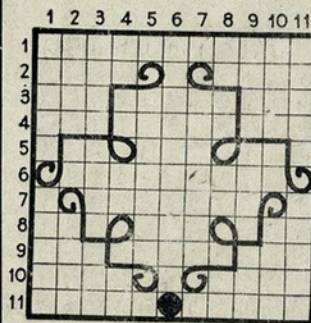
O modelo do casco tem agora a forma exacta do traçado. Eliminam-se as rebarbas de parafina e alisa-se o casco que é então cuidadosamente conferido e ajustado para ficar pronto para os ensaios. Ambos os tanques têm uma ponte móvel que se atravessa de lado a lado e é movido sobre carris que os percorrem de uma ponta à outra por meio de quatro motores eléctricos. Coloca-se o modelo debaixo da ponte onde existem os aparelhos registadores e ao qual fica ligado de tal maneira que pode balouçar ao sabor das ondas e singrar na água de maneira absolutamente natural.

A resistência registada, depois de corrigida para a escala e coeficiente de fricção do revestimento do navio, representa a medida exacta da resistência do navio, no seu tamanho natural, a uma velocidade correspondente. Uma das coisas mais essenciais em navios mercantes ou paquetes é responderem imediatamente ao leme. Nestes modelos efectuam-se ensaios especiais para determinar se a força de torção do leme é superior à que pode agüentar a máquina respectiva do governo. Mede-se ao mesmo tempo a tendência do navio a guinar no momento inicial de virar. Existe também um método engenhoso para ensaiar as qualidades hidrodinâmicas do casco por meio da corrente da água em sua volta. No laboratório William Froude procede-se continuamente a investigações de carácter geral e fundamental. De 68 ensaios feitos no espaço de um foram subseqüentemente aprovados 39 traçados.

Outra secção de trabalho do mesmo laboratório encarrega-se das investigações sobre hélices. Fazem-se uma série de moldes de barro da hélice a estudar e dá-se-lhes a marca de cotórno. Funde-se depois a hélice feita de uma liga conveniente. Ensaia-se a hélice com os cascos que convenham,

PALAVRAS CRUZADAS

VERTICAIS



PROBLEMA N.º 122

HORIZONTAIS

- 1 — Diárias.
- 2 — Rugido de algumas feras — Escuto.
- 3 — Margem — Resgatar — Preposição.
- 4 — Conheço — Separe — Decâmetro quadrado.
- 5 — Aspecto — Mil cento e um (com.) — Prefixo de negação.
- 6 — Condição de uma pessoa poder dispor de si.
- 7 — Lugar de delícias.
- 8 — Caminhar — Vazia — Rio da Guiné portuguesa, afluente do Mansoa.
- 9 — Custo, seguro e frete (comerc.) — Nome de mulher — Filho de Noé, tronco dos povos de raça semita (Bibl.)
- 10 — Estimem — Fruto carnudo.
- 11 — Destruição completa — Divinas.

- 1 — Por pouco — Permanecer.
- 2 — Cidade — O mais (ant.) — Pilha.
- 3 — Reza — Sarrafo — Berrêto mourisco.
- 4 — Porco — Graceja — Símbolo químico do bário — Nota de música.
- 5 — Apurou.
- 6 — Forma de governo em que a soberania deriva do povo.
- 7 — Refutavas.
- 8 — Preposição e artigo — Acusada — Campeão — Pretérito.
- 9 — Bagatela — Passados — Eco.
- 10 — Ave de rapina — A mim — Pedra preciosa.
- 11 — Fazes desaparecer — Pequenos volume de uma obra literária.



Solução do problema 121

INDIGESTÃO



O ácido da indigestão ataca sem aviso prévio. Precisa de um remédio prático — sempre pronto onde quer que se encontre, em casa, na rua, no cinema ou no seu trabalho.

As Pastilhas Rennie respondem a estes requisitos. Nem demoras nem necessidades de água. Ao primeiro sintoma de dor de estomago, chupe duas Pastilhas Rennie como se fossem caramelos, uma logo em seguida à outra.

Rennie chega-lhe ao estomago com toda a sua força; neutraliza rapidamente o excesso de ácido. As dores produzidas pelos gases e pela acidez diminuem. O estomago sente-se confortado, dulcificado. Raramente precisará tomar mais de duas Rennie para lhes sentir os efeitos. Rennie é um remédio inglês muito recomendado contra a indigestão.

Compre um pacote ainda hoje na sua farmácia.

em «mar largo», numa série grande de velocidades e de profundidades de imersão. Este género de investigação fornece à indústria da construção naval um fundo valioso de dados.

Um dos problemas mais importantes das hélices de navios é um certo tipo de erosão das pás chamada «cavitação» (cavitation). Forças enormes desenvolvidas na parte posterior das pás podem escavar nas suas faces posteriores cavidades. Isto é por vezes tão grave que se torna necessário substituir hélices novas depois de relativamente pouco tempo de uso.

No laboratório de William Froude montou-se um tunel Lithgow, para hélices, para tratar principalmente deste problema. O tunel toma a forma de um cano com cerca de 90 centímetros de diâmetro, com uma câmara de pressão de 18 polegadas dispondo, de uma janela de vidro espesso para observação visual, no qual se ensaia a hélice. A iluminação estroboscópica regulada pelas revoluções da hélice torna a observação e a fotografia da cavitação uma coisa bem simples. As condições que causariam a erosão foram criadas e vêem-se em qualquer fotografia estrobos-

cópica e as regiões da superfície das pás onde se está a dar a cavitação estão muito claramente definidas.

Seja prático e económico

viaje na



Informações:

em todas as estações da C. P.
em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031
no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 722

OS DIREITOS DO POVO NA AMÉRICA



Uma sessão do Congresso americano, quando falava o grande Presidente Roosevelt

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicação por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, arupções ou ardência na pele.

Se vende em todas as farmácias e drograrias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



SEJA PRÁTICO E ECONÓMICO

viaje

na

C. P.

Informações: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031 — no Pôrto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 732

As dez primeiras emendas à Constituição dos Estados Unidos são conhecidas pela designação genérica de Declaração de Direitos. Ao ser apresentada ao público, em 1787, a Constituição suscitou severas críticas em virtude de não fazer parte dela uma declaração de direitos. A explicação deste facto deve encontrar-se na ideia de governo do direito comum inglês, segundo a qual as prerrogativas do indivíduo nascem com ele, sendo inalienáveis. A Constituição e o Governo não são mais que uma salvaguarda desses direitos inatos. E' esta ideia que ainda hoje rege os governos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, como é ela que também rege os estados autónomos da Comunidade Britânica.

Nas colónias americanas existia a convicção popular de que seria prudente publicar-se uma declaração desses direitos fundamentais, uma vez que tal declaração exerceria um efeito benéfico e refrescador sobre os espíritos de governantes e governados e, bem assim, poderia servir como uma base definida para as futuras decisões judiciais relativas à sua protecção.

Massachusetts, Virginia, Nova York e vários outros estados ratificaram a Constituição, não sem recomendar que a ela fôsse averbada uma declaração de direitos do cidadão. Tal foi feito pelo primeiro Congresso, sob a forma de dōze emendas que, após alguma demora, foram aprovadas por aquêle órgão, em 25 de Setembro de 1789. O material para essas emendas foi, em grande parte, extraído da declaração de Direitos do estado de Virginia, adoptada pela assembleia desse estado, reunida em Williamsburg, em 1776. Em linguagem simples, declarava princípios específicos e fundamentais, relativamente ao julgamento em tribunais, à applicação de penas crueis, às confiscações, à liberdade de Imprensa, à subordinação do poder militar ao civil, à faculdade de partir do povo toda a autoridade, possuindo ele o direito inalienável de reformar um mau governo; à doutrina da separação dos poderes executivo, legislativo e judicial. Igualmente, afirmava que todo o homem que tivesse dado provas de interesse permanente pela comunidade teria o direito de concorrer à administração da mesma.

Os fundamentais direitos defendidos por qualquer povo livre

Jefferson, pouco depois, recorreu a ela quando escreveu a Declaração de Independência e ela não só se tornou a base para as primeiras emendas à Constituição, como também serviu de modelo para as várias declarações de direitos pouco depois adoptadas por outras colónias e, bem assim, para as ulteriores declarações de direitos existentes em muitas das presentes constituições estaduais.

A primeira emenda estipula que «O Congresso não deve fazer qualquer lei que diga respeito à criação de uma religião ou à proibição do livre exercício dela; que restrinja a liberdade de palavra ou a liberdade de Imprensa; que retire ao povo o direito de se reunir ordeiramente; que impeça ao povo de apelar para o governo, apresentando as suas queixas.» São estes os fundamentais direitos defendidos por qualquer governo livre.

A emenda II estipula: «Sendo necessária uma milícia bem organizada para garantir a segurança de um Estado livre, todo o homem gozará do direito de porte de armas.» Esta cláusula, como é óbvio, refere-se aos casos em que o uso das armas é feito em defesa comum e não em casos de conflito pessoal.

A terceira emenda diz que «em tempo de paz ou de guerra, nenhum soldado poderá aboletar-se numa casa sem autorização do proprietário e, em qualquer caso, segundo a maneira prescrita pela lei. A emenda IV trata da segurança do povo, «nas suas pessoas, propriedades e bens, contra buscas e confiscações injustas.»

As emendas V, VI, VII e VIII referem-se ao procedimento legal dos tribunais federais e constituem a defesa

(Continua na página 18)



ALEXANDER FLEMING ★

A clêneta inglesa acaba de ver recompensado o seu esforço com a atribuição do prémio Nobel para Medicina aos pioneiros da penicilina, Sir Alexander Fleming e os professores Sir Howard Florey e dr. Chaim.

Sir Alexander Fleming nasceu em Lochfield, na Escócia, em 1881, contando, portanto, actualmente, 74 anos. Antes de se dedicar ao estudo da medicina trabalhou, durante alguns anos, nos escritórios duma companhia de navegação, em Londres. Ainda estudante, distinguiu-se pela natureza dos seus trabalhos de investigação no hospital de S. Maria sendo-lhe atribuídos diversos prémios escolares. Mais tarde, o seu nome adquiriu, rapidamente, nos meios científicos da Grã-Bretanha, uma consideração merecida pela sua dedicação à clênica e à profissão que escolhera.

O professor Sir Howard Florey é natural da Austrália onde nasceu em 1898. Rege, há muito tempo, a cadeira de patologia na Universidade de Oxford constituindo uma das figuras mais destacadas no corpo docente daquele famoso estabelecimento de ensino. Foi em 1938 que o professor Florey, tendo como directo colaborador o doutor Chaim, iniciou os seus trabalhos sobre as aplicações terapêuticas da penicilina chegando rapidamente a resultados maravilhosos. Nos laboratórios de patologia de Oxford, que são dos melhores e dos mais completos que actualmente existem em todo o mundo, estes dois cientistas puderam arrancar à maravilhosa descoberta do professor Fleming os segredos que ela ainda encerrava e contribuir para minorar muitas doses e salvar um número elevado de vítimas.

CRÓNICA INTERNACIONAL

AS CONVERSACÕES EM WASHINGTON

A viagem do Primeiro ministro da Grã-Bretanha a Washington é um acontecimento da maior significação política, neste momento. O sr. Attlee, cuja modéstia pessoal e cuja boa vontade são sobejamente conhecidas, não pretendeu, certamente, ao empreendê-la, colher novos louros para a sua carreira política. Mas a delicadeza da situação internacional impunha o restabelecimento rápido dos contactos entre as grandes potências directamente interessadas em evitar que, à semelhança do que aconteceu com a primeira guerra mundial, a vitória alcançada nesta se perca ou se disperse com prejuizo manifesto para a causa da paz.

São vários os problemas que suscitaram, depois do termo das hostilidades, divergências, que até agora se têm revelado delicadas, entre a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a U. R. S. S. Não é difícil fazer a prova de que para todos esses problemas é possível encontrar soluções harmónicas e ajustadas às realidades sem que, para isso, seja necessário liquidar a coligação que, no meio de dores e de sofrimentos, se constituiu para fazer e para ganhar a guerra. Como encarariam os povos a realidade dramática de verem separar-se aqueles mesmos que assumiram, voluntariamente, em Moscovo e em Teherão, em Yalta e em Potsdam, o encargo solene de se conservarem unidos e de, unidos, darem ao mundo «uma paz estável e duradoira?»

A última Conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros que se realizou em Londres terminou por uma expectativa. Mas, como o general De Gaulle afirmou lucidamente poucas horas depois de se haverem encerrado os trabalhos da Conferência, esse facto não pode considerar-se como a prova definitiva e irrevogável de que a guerra continua a ser o único método de resolver os pleitos internacionais. O primeiro, e certamente o mais grave problema que vai ser tratado nas conversações de Washington, é o que se refere à utilização da energia atómica para fins de guerra. Não constitui segredo para ninguém que, a esse respeito, os pontos de vista das grandes potências interessadas divergem nos pontos fundamentais. Mais do que isso: em cada um desses países seria errado supôr que existe uma unanimidade de opiniões a respeito do problema atómico. Sir John Anderson, presidente da comissão britânica de pesquisas, acompanha o Primeiro Ministro e esta circunstância basta para demonstrar que o debate atómico em Washington será ventilado com toda a largueza e com toda a franqueza. Mas além das questões relacionadas com a energia atómica, questões que se revestem simultaneamente de aspectos políticos, militares e científicos, outras há que não deixarão certamente de ser tratadas com a maior largueza durante as conversações de Washington. As negociações económicas e financeiras anglo-americanas que intraram num ponto morto e os problemas de ordem política e económica estreitamente relacionados com a actual situação na Europa, no Extremo-Oriente e muitos pontos do glôbo, são realidades da vida internacional que exigem uma solução rápida. A Grã-Bretanha enviando a Washington a seu Primeiro ministro, deu uma prova de boa vontade. Havia o maior interesse em que as outras potências procedessem de maneira idêntica.

O OBSERVADOR

As eleições municipais em Inglaterra

A realização em todo o território da Grã-Bretanha de eleições municipais, decorridos apenas algumas semanas sobre a realização das eleições gerais que deram uma vitória decisiva ao partido trabalhista, constitui um acontecimento digno de registo especial. As instituições democráticas naquêlê país continuam a funcionar com uma perfeita regularidade e com uma precisão que bem pode servir de exemplo e de modelo a todos os povos do mundo. Mais do que os resultados alcançados pelos diversos partidos em competição, Trabalhistas, Conservadores e Liberais, são as condições em que essa competição se iniciou e teve o seu desfecho que interessam.

Durante seis anos duma guerra brutal, que pôs em causa a sua própria independência e a sua própria segurança, a Grã-Bretanha encontrou, no seu regime político a melhor salvaguarda para a defesa do que é essencial e permanente à sua existência e à sua sobrevivência. A ruptura da união nacional que encontrou a sua expressão no governo de coligação que dirigiu os destinos do país, durante cinco anos, não trouxe consigo uma ruptura da unidade nacional.

O orçamento e o banco de Inglaterra

Outra manifestação eloquente dessa estabilidade e desse equilíbrio vamos encontrá-la na aprovação recente, pela Câmara dos Comuns, dos dois decretos sobre o novo orçamento e a nacionalização do Banco de Emissões. Nos dois casos se trata de documentos da maior transcendência e significação, não apenas nos domínios limitados de economia e da finança, mas na esfera de interesse mais vasta da política nacional.

O Chanceler do tesouro pode considerar-se de parabens pelo êxito incontestável com que eles foram acolhidos pelo Parlamento e pelo país e pelo ambiente de compreensão internacional que se criou à sua volta. Nunca depois da acção reformadora do gabinete liberal que subiu ao poder em seguida às eleições de 1906, se havia procedido a reformas de estrutura tão profunda na vida inglesa. O sr. Dalton encarregou-se, agora, da missão que há aproximadamente quarenta anos esteve confiada a dois políticos eminentes da Grã-Bretanha: Churchill e Lloyd George. Dela se desempenhou como o mesmo patriotismo, a mesma isenção e a mesma pericia.

MUNDO GRÁFICO

Director: **ARTUR PORTELA**

Chefe de Redacção e Editor: **REDONDO JÚNIOR**

Redacção e Administração: **Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240**

REVISTA QUINZENAL

PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e Impressão: Neogravura, td.º — Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1980

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Palmerston falando na Câmara dos Comuns, em 1860, durante um dos períodos mais grandiosos da vida parlamentar britânica

O BÊRÇO DAS LIBERDADES

DEVE estar na memória de todos que a antiga sala das sessões da Câmara dos Comuns da Grã-Bretanha foi destruída, durante um bombardeamento aéreo em Maio de 1941. Desde então, a Câmara dos Comuns instalou-se, temporariamente, na Câmara dos Lords. Já foram aprovadas as propostas para a sua reconstrução. As considerações que foram atendidas na sua elaboração iluminam de maneira notável algumas das características do governo parlamentar britânico e muito surpreenderão o leitor estrangeiro. Por exemplo, entendeu-se que era desejável que a sala das sessões não fosse bastante espaçosa para comportar todos os seus membros, sem congestionamento. Para explicar este critério o melhor que temos a fazer é citar esse parlamentar experiente e excelente autoridade, o Sr. Churchill. Foi em Outubro de 1943 que ele falou sobre o assunto, quando a Câmara dos Comuns discutiu a preparação dos planos de reconstrução e o Sr. Churchill pronunciou, nessa ocasião, um dos discursos mais felizes da sua vida. Por ter servido na Câmara dos Comuns durante 40 anos o Sr. Churchill falou com autoridade — e com veneração — das suas características e dos seus requisitos.

«Há duas características principais da Câmara dos Comuns que merecerão a aprovação e o apoio dos membros ponderados



Churchill visita os escombros da Câmara dos Comuns



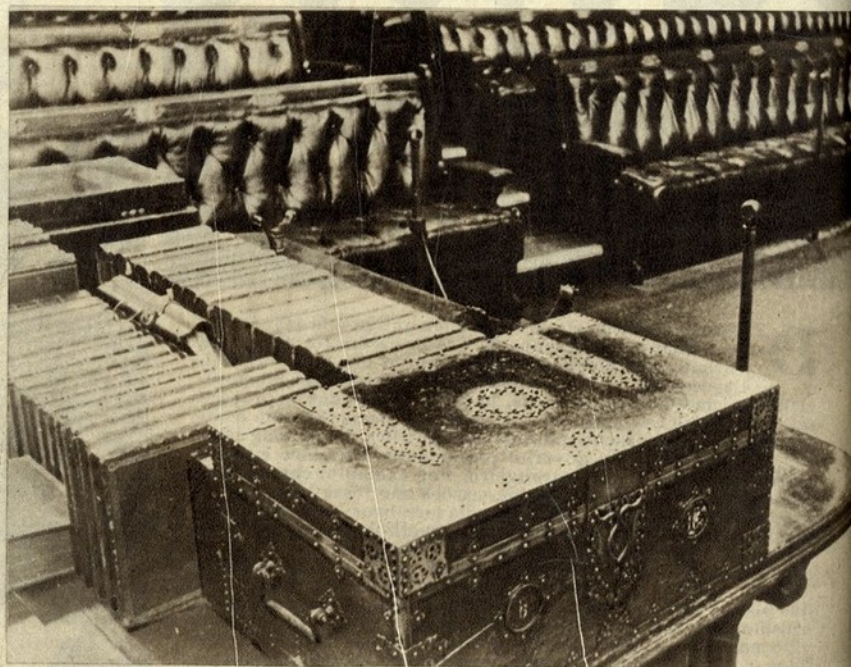
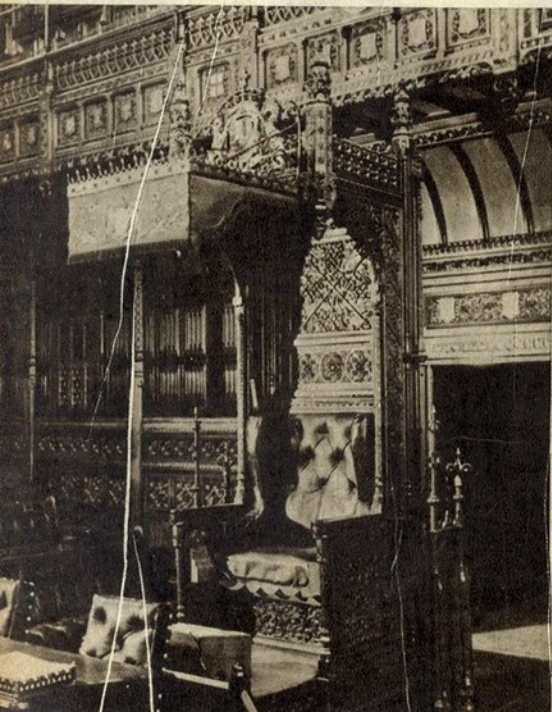
Uma vista da Câmara em que se vêem os claustros calcinados

e experientes. Soarão sem dúvida de maneira estranha em ouvidos estrangeiros. A primeira é que o seu feitio seja oblongo e não semicircular. É este um factor muito importante da nossa vida política.»

A Câmara dos Comuns da Grã-Bretanha permitia dois agrupamentos de membros sentados frente a frente em contraste com muitos dos edifícios parlamentares de outros países, em que a disposição dos assentos é semi-circular. Enquanto a sala de sessões semi-circular permite a formação de um grande número de grupos parlamentares, muitos dos quais diferem entre si de maneira pouco sensível, o sistema britânico assegura dois alinhamentos principais — o dos que apoiam o governo e o dos que a ele se opõem. Entre eles existe uma separação concreta — o espaço aberto e desocupado da sala — que nenhum membro atravessará

(Continua na página 29)

As janelas da Câmara dos Lords danificadas pela deslocação de ar das explosões



A tradicional cadeira do «speaker» (presidente) que também ficou destruída

← O famoso «Dispatch Box» que também se perdeu

Êste é Ralph Neppel. Bateu-se como um leão contra os alemães. O presidente Truman condecorou-o com a medalha de Honra do Congresso e, à volta da Casa Branca... Jean Moore, a sua noiva, condecora-o com... Ou estará a dizer-lhe um segredo?





○ Douro — o rio tutelar do Porto

PORTO A CIDADE INVICTA

AS cidades são como os indivíduos humanos: têm a sua fisionomia própria, inconfundível. Possuem também as suas tradições, os seus feitos, as suas páginas heroicas escritas pelo povo. O Porto constitui um símbolo de liberdade. A história enaltecida dos seus feitos daria para encher de orgulho outras cidades maiores mas menos respeitadoras dos legítimos direitos do homem.

É no Porto que revive, na alma forte dos seus habitantes todo o orgulho dignificador dos homens que sempre aspiraram a ser livres.

De há séculos que a Cidade Invicta vem escrevendo a sua história — ao clarão do entusiasmo da luta nos momentos em que a sua independência periga, ou no espírito precursor das suas ideias.

A cidade que sofreu, sem ser vencida, um dos males asfixiantes cárceros, que é ciosa das liberdades, que proclamou pela boca dos



Preparativos de transporte do vinho do Porto



O claustro do convento da Serra do Pilar



O monumento a D. Pedro IV, o rei liberal que, heróicamente, se bateu na capital do norte



Barcos Rabelos descendo o Douro



Uma admirável perspectiva do burgo portuense

heróis e mártires, o grito redentor de um ideal que pelo século depois havia de tornar-se realidade; o Porto que pensa, trabalha, e acredita no valor inigualável dos seus filhos, não deve ser esquecida.

Nunca o Porto consentiu uma injustiça por muito tempo. Se em certos momentos da sua vida a sombra de uma opressão lhe ennegrece os sentimentos, logo ela a repele e retoma os seus direitos de cidade que não se deixa vencer, que pretende ser livre nos seus admiráveis conceitos de independência.

Não se topa através da sua história um traidor. Por isso ela é limpa e orgulhosa. E se uma outra vez há nas páginas da sua história manchas de sangue, este é o preço doloroso pelo qual os seus heróis têm obtido a liberdade.

Como a Fenix, o Porto renasce continuamente para criar novas forças. Neste momento em que uma luz parece iluminar as almas daqueles que muito querem aos generosos sentimentos humanos, mais uma vez a Cidade Invicta renasceu, como a Fenix, para afirmar dignamente, orgulhosamente, a sua indomável vontade de ser forte e livre.

O REAL COLÉGIO MILITAR



DE SANDHURST

O Real Colégio Militar da Grã-Bretanha foi fundado em 1799 pelo Duque de York numa época em que o país atravessava os lances angustiosos de uma longa guerra contra Napoleão. As vitórias que se seguiram, sobre as tropas de Bonaparte em Espanha, foram devidas ao trabalho do Duque de York e de Sir John Moore na reorganização do exército britânico, ao génio estratégico e tático de Wellington e ao método britânico de combate — a «delgada linha vermelha». Wellington comandou um exército pequeno mas excelente e esforçado cujos efectivos representavam uma fracção da maioria dos exércitos existentes no continente europeu. Alguns dos melhores oficiais preparados na Real Escola Militar devem ter combatido, em 1815, na batalha de Waterloo — devem mesmo ter tomado parte na carga que quebrou para sempre o poderio e as ambições de Napoleão.

Em 1812, para o fim das guerras napoleónicas, a Real Escola Militar mudou-se para Sandhurst, onde ainda se encontra hoje. (Já se tinha mudado de High Wycombe, onde fôra fundado, para Great Marlow, em 1802). Estudaram aqui os cadetes que, como oficiais, combateram na guerra da Crimeia, em 1860, e nos anos seguintes, na guerra de Boyer e na primeira Grande Guerra. Entre 1918 e 1939 as patentes para o exército regular (para cavalaria, infantaria e para o real corpo de tanques do serviço britânico, assim como para nomeação para o quadro não efectivo do exército indio) obtinham-se na Escola de Sandhurst. O candidato tinha que ser solteiro, súbdito britânico, ter capacidade física e entre 18 e 19 anos de idade. Os exames de entrada para o exército efectuavam-se todos os semestres e ofereciam-se um certo número de bolsas de estudo. Apuravam-se anualmente para Sandhurst, nos anos que precederam a guerra, cerca de 370 candidatos dos quais uma média de 75% vinham das escolas consideradas idóneas para esse fim pelo Conselho do Exército (Army Council).

Quando estalou a guerra em 1939 o serviço militar obrigatório modificou completamente o método de recrutamento para a escola de Sandhurst. Durante a guerra as patentes de oficial só se podem obter depois de assentar praça e criaram-se por todo o país Unidades de Treino para Cadetes, para os homens recomendados para tal fim pelos seus oficiais superiores.

Estão hoje instaladas em Sandhurst uma secção da Escola do Estado Maior, que treina oficiais para os serviços de Estado Maior, e uma unidade de treino de cadetes do Real Corpo Blindado. Aqui, numa casa repleta de tradições regimentais britânicas, ensina-se aos cadetes a teoria e a prática da guerra motorizada, o cuidado e a conservação das armas modernas, das

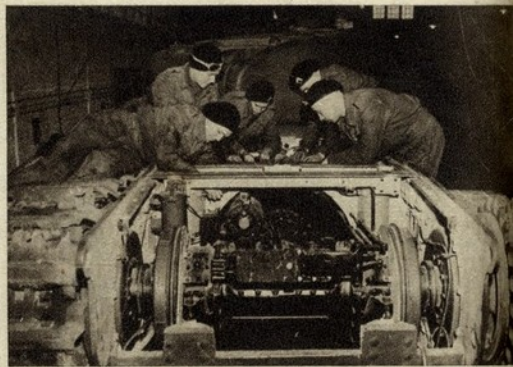
(Continua na página 28)



Cadetes do Real Corpo blindado treinam-se no reconhecimento de tanques por meio de modelos



Na sala de direcção das tripulações de tanques



Cadetes estudam o motor de um tanque



Um comandante de grupo, com o seu sargento-ajudante, observam o cabo que vai à frente, rompendo o avanço



Outro exercício: os tanques retiram através dos canhões anti-tanques



Cadetes tratam da conservação de blindados depois dos exercícios do dia



T. S. F. — uma lição sobre o consumo da corrente, com um dos aparelhos de demonstração



Reconhecimento de aviões



Exercício de sangue frio e de equilíbrio. A ponte tem 7,50 metros de altura e falta lhe o lanço central



Outro exercício que exige muita agilidade — a travessia sobre duas cordas



Subida de um obstáculo com 5,40 metros de altura chamado «o muro alto com janelas»



Durante um exercício, secções de assalto flanqueiam o inimigo, protegidas por cortinas de fumo

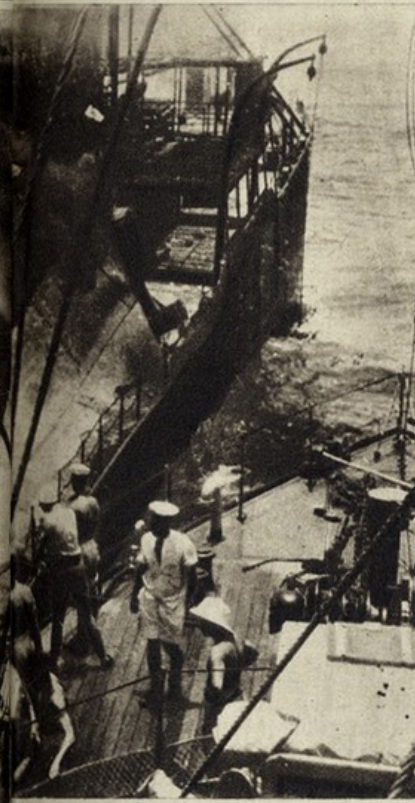


A última vez que os cadetes limpam os botões. Depois da grande parada envergaram os seus novos uniformes de oficial



Na parada final dão-se cintos de honra aos cadetes que se distinguiram

VENCERAM AS DEMOCRACIAS



★ Em 1943 incendiava-se, no mar, a corveta inglesa «Hivander», que vinha da América, atestado de gasolina. A tripulação dominou, heróicamente, o sinistro, tendo sido por esse motivo condecorados vários oficiais e marinheiros

OS MARINHEIROS INGLÊSES EM HONG-KONG

Em Hong Kong, onde os japoneses cometeram rudes crimes, volta a sorrir a requintada gentileza chinesa e o humor franco dos britânicos

HOMENAGEM AO ALMIRANTE FRASER



O almirante inglês Bruce Fraser, comandante das esquadras britânicas do Oriente, foi homenageado pelos esposos Chang-Kai-Chek com um banquete em que assistiram numerosas personalidades

Esta é uma imagem eloqüente da derrota japonesa. Acabaram as arrogâncias e ambições nipônicas de dominar o mundo, enquanto os criminosos de guerra vão sendo, justa e severamente julgados



As «casas» heróicas e temerárias do porta-aviões inglês «Indomitable», que tantas façanhas realizou nesta guerra



A produção do carvão do Ruhr está sendo, rapidamente, restaurada pelas autoridades das Nações Unidas. Neste cenário de ruínas, um fiscal examinando um gráfico de extrações



Um casamento em Berlim, entre uma russa e um americano. Flores e um sorriso de felicidade na cara da noiva. A guerra engendrou muitos destes romances

WIMBLEDON

A CAPITAL DO TENIS INTERNACIONAL

WIMBLEDON é um nome discutido, não porque seja o de um dos subúrbios de Londres mas sim porque é a sede e foi o berço do Tênis. Durante a quinzena em que se desenrola o campeonato, de ténis Wimbledon deixa de ser um simples arrabalde para se transformar num dos centros mais cosmopolitas do mundo onde se ouvem muitas das línguas faladas na terra.

O ténis não é um jogo tão antigo como o críquet ou o golf. Não existem a seu respeito lendas, transmitidas de geração em geração, de um passado distante. De facto, foi apenas no último quartel do século XIX que adquiriu a categoria de um desporto organizado e nacional. De um passatempo pacífico e calmo com que entreter uma tarde de verão veio, com os anos, a ser um dos jogos mais populares do mundo.

Foi Wimbledon que acalentou e deu vigor a este desporto, desde a sua infância. Há perto de 70 anos num relvado de Wimbledon, um grupo de entusiastas, com visão profética do futuro, resolveu organizar um campeonato de ténis. Tomada esta resolução, a comissão organizadora do campeonato viu-se a braços com o problema das regras do jogo e do regulamento da competição, pois o ténis, como então se jogava, não obedecia a regras fixas nem tinha sistema definido de marcação de pontos. O problema foi atacado com previsão e imaginação, tanto que as regras estabelecidas em 1877 são fundamentalmente as regras de hoje.

Para o primeiro campeonato inscreveram-se 22 concorrentes. A final foi ganha por Spencer W. Gore que ocupa um lugar de destaque na história do ténis por ser o primeiro jogador a empregar o «volley» como golpe final para ganhar a partida e o campeonato. Nas palavras de um entusiasta contemporâneo, «ele foi o primeiro a compreender que o principal e grande princípio do ténis é forçar o adversário a recuar para a linha limitrofe, quando ele quer aproximar-se da rede e, por meio de uma hábil volta do pulso, devolver a bola com grande velocidade, já para a parte posterior do campo, até que o seu antagonista, para empregar a expressão usada por um dos seus adversários daquele ano, este esteja a cair

de fadiga». Por muito estranho que pareça, o «volley» não captou muitas simpatias — dizia-se que tendia a estragar o jogo — e, durante alguns anos seguintes, houve uma era de jogo comprido em que os golpes eram dados cuidadosamente da linha limitrofe. Isto, porém, não passava das dores de crescimento desse desporto jovem, mas que bem depressa se tornou vigoroso, e o «volley» voltou a ocupar o seu lugar com o aparecimento dos Gemoes Renshaw.

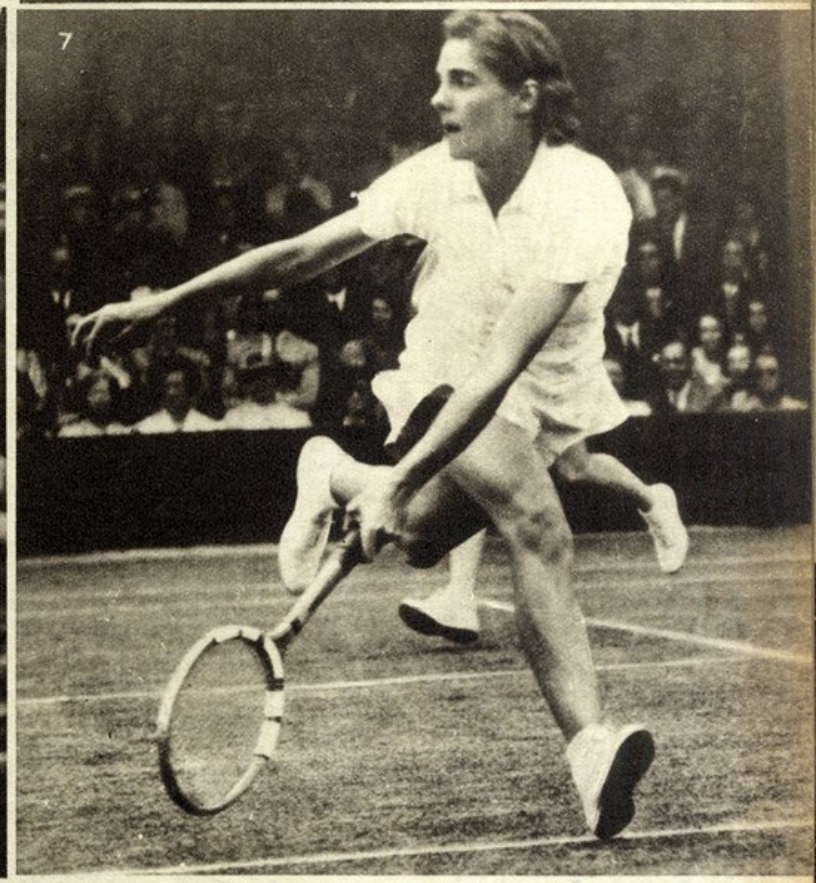
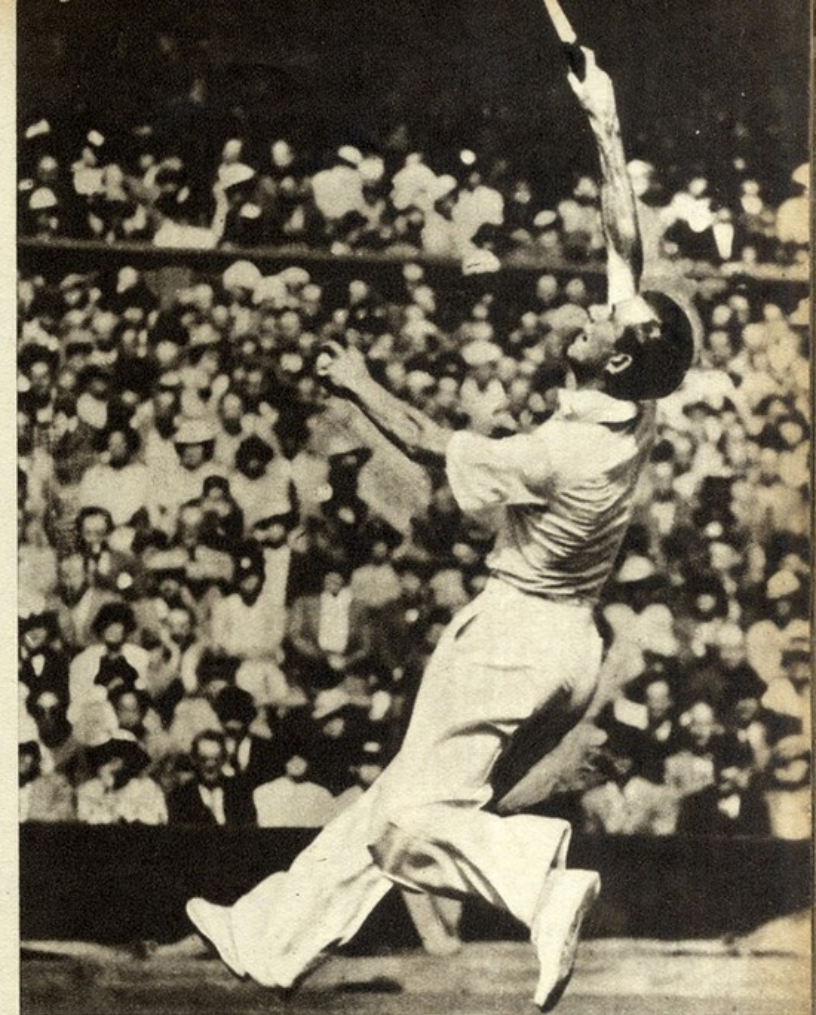
Guilherme e Ernesto Renshaw ocupam um lugar imperecível nos anais do ténis, pois foi o seu jogo espectacular e brilhante que primeiro fez com que o país se apercebesse do lugar que ocupava no mundo do ténis. Depois, em 1897, começaram a dominar o jogo os maiores embaixadores de ténis, os célebres irmãos Doherty. O seu jogo espectacular e invencível, tanto no continente como na América, angariou para o ténis uma popularidade que excedeu toda a que já tinha no passado.

Quando chegou o tempo de se retirarem os irmãos Doherty, o campeonato de Wimbledon já não tinha apenas o carácter nacional mas era um campeonato de importância internacional. Todo o grande jogador de ténis fôsse qual fôsse a sua nacionalidade, compreendeu que a completa realização das suas ambições só lhe podia vir com o êxito em Wimbledon.

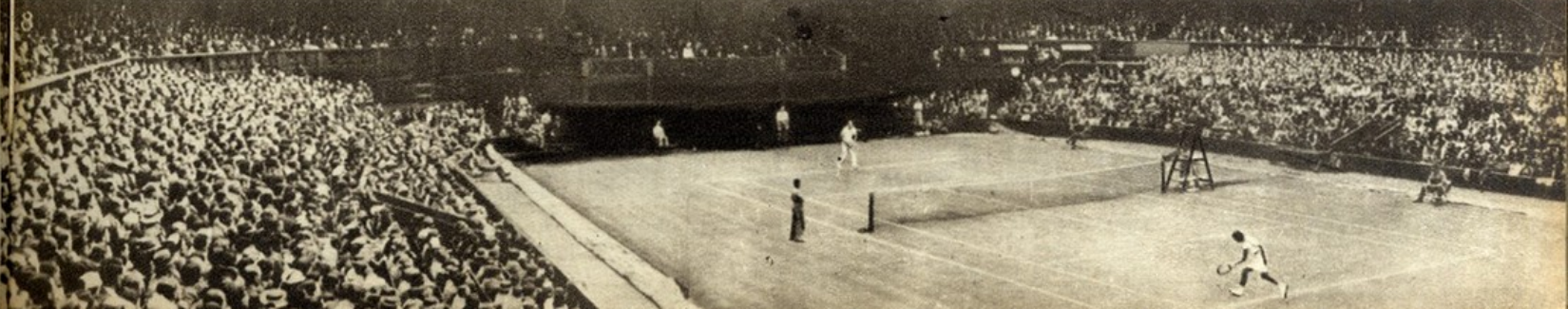
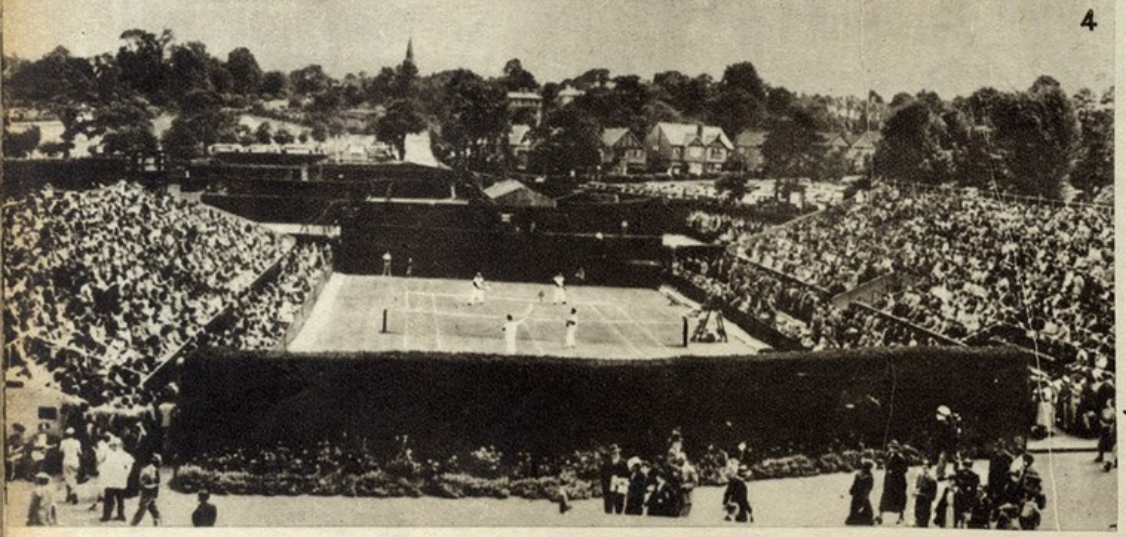
Em 1895 Wimbledon deu uma grande passada no bom caminho, pois foi nesse ano que se inaugurou o campeonato das senhoras. Graças à possibilidade de lá jogarem ambos os sexos ficou assegurada a futura popularidade de Wimbledon.

A. Wallys Myers, o autor de «Cinquenta anos de Wimbledon» (1926), resume como segue as suas impressões sobre o ténis: «Popular como é na Inglaterra, a sua terra natal, o ténis tem voga ainda maior em outros países. É o jogo de verão da juventude da América, o continente europeu presta-lhe homenagem universal, todos os rapazes e raparigas franceses com tendências atléticas inspiram-se nos feitos dos seus campeões nacionais, lança raízes firmes e vigorosas nos Domínios, tem sido extraordinária a sua expansão recente nos países prósperos»

(Continua na página 30)



- 1 — Uma nova estrela do futuro, Miss Jean Nicoll vencedora do campeonato feminino de júniores.
- 2 — Miss R. M. Hardwick, uma estrela britânica, em acção
- 3 — Miss Kay Stammers, outra jovem estrela britânica muito conhecida em Wimbledon nos últimos anos antes da guerra.
- 4 — As cercanias dos célebres campos de ténis de Wimbledon
- 5 — F. J. Petry, jogador britânico de reputação internacional e vencedor do campeonato masculino, na partida final contra Donald Budge (U. S. A.) que venceu para entrar na final do campeonato de Wimbledon
- 6 — F. D. H. Wilde, outro jogador britânico, em acção
- 7 — Miss Kay Stammers, num lance decisivo
- 8 — A Meca de todos os entusiasmos de ténis — o campo central de Wimbledon



OS DIREITOS DO POVO

(Continuação da página 5)

dos direitos dos acusados, mediante a aplicação das regras do direito comum.

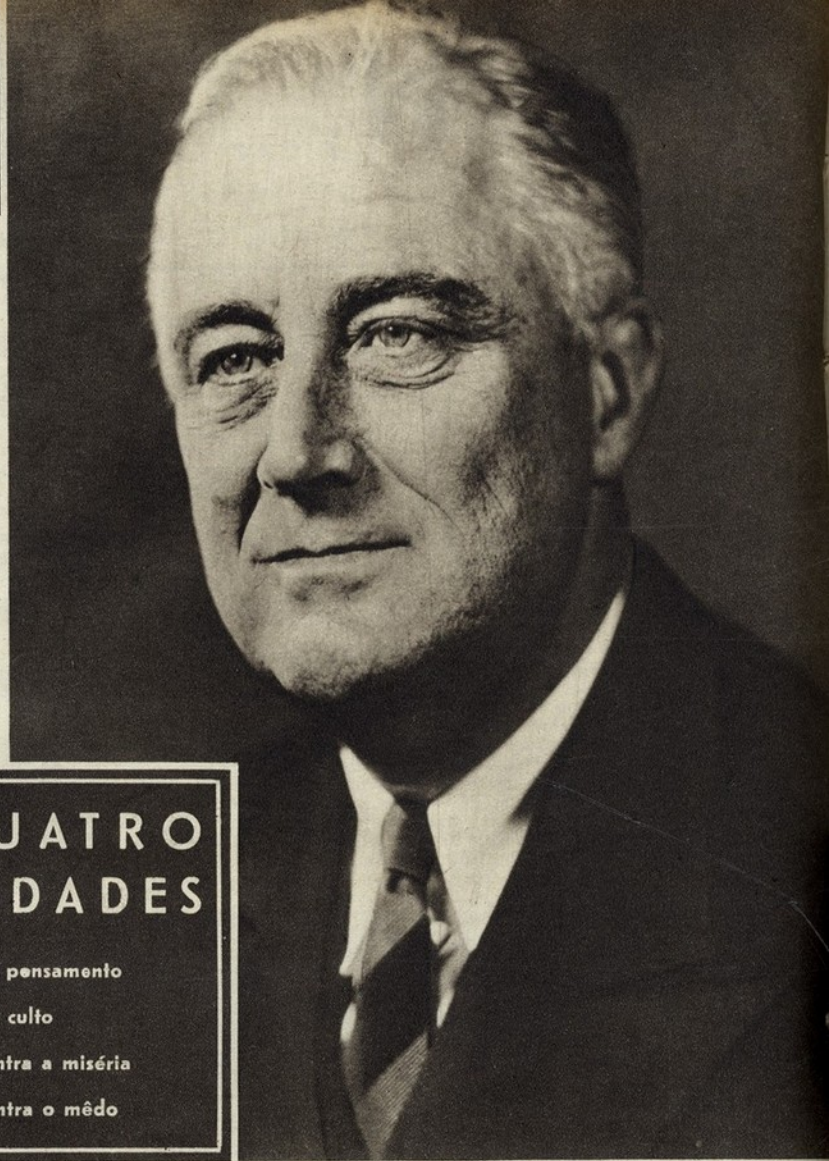
As cláusulas da emenda V são as seguintes: «Ninguém deverá responder por qualquer crime cometido, desde que não seja perante um júri legalmente constituído; exceptuam-se os casos de crimes cometidos ao serviço das forças militares, em tempo de guerra ou de emergência pública; ninguém deverá ser duas vezes castigado pelo mesmo crime; em qualquer caso jurídico, ninguém deverá ser obrigado a ser testemunha contra si próprio, nem a ser privado da vida, liberdade, ou propriedade, sem o devido processo legal; nenhuma propriedade particular deverá ser requisitada para uso público, sem a justa compensação.» A mais importante cláusula desta emenda é a que garante o «devido processo legal» a todo o cidadão sujeito à lei federal, o que significa que «todo o acusado disfruta do direito de se fazer ouvir no tribunal.»

A emenda VI traz certas disposições destinadas a garantir o cidadão «devido processo legal», estabelecendo que «em todos os processos criminais o acusado deverá gozar do direito de ser rápida e publicamente julgado, por um júri imparcial do Estado e distrito onde o crime fôr cometido, o qual deverá ser previamente informado da natureza e causa daquele; deverá ser acareado com a testemunha de acusação; e deverá gozar do direito de nomear a sua defesa.»

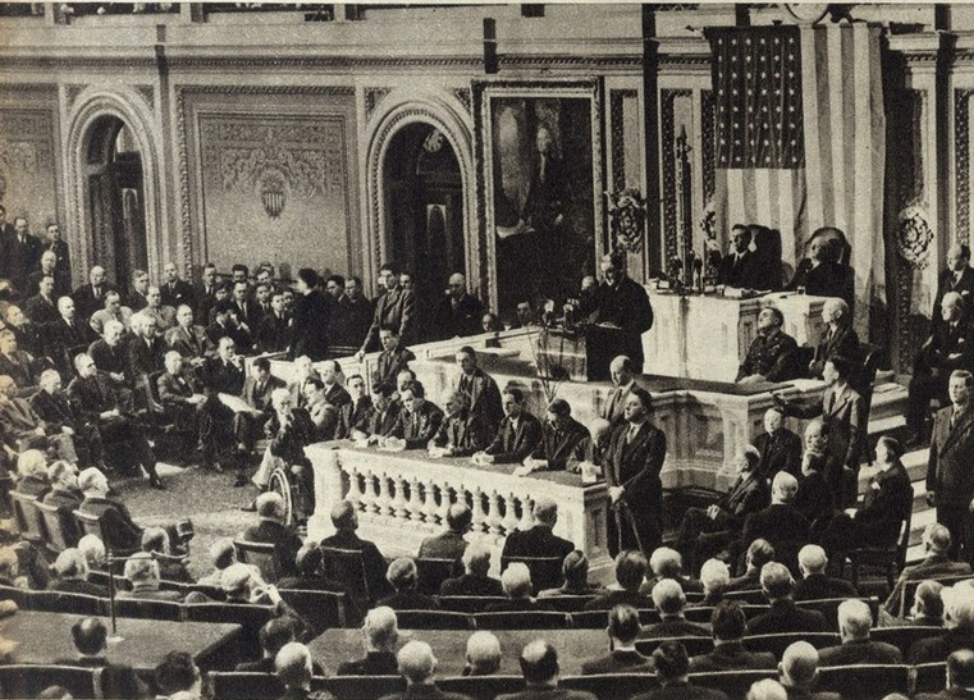
A emenda VII estipula que «em questões de direito comum, nas quais o valor em causa seja superior a vinte dólares, será mantido o direito de julgamento por um júri e, nenhum facto julgado poderá ser reexaminado em qualquer outro tribunal dos Estados Unidos. Esta emenda restringe o poder do Supremo Tribunal dos Estados Unidos na revisão de questões de facto após apelo dos tribunais federais mais baixos. A emenda VIII declara «que não deve ser ext-

AS QUATRO LIBERDADES

- 1 — Liberdade de pensamento
- 2 — Liberdade de culto
- 3 — Liberdade contra a miséria
- 4 — Liberdade contra o medo



Roosevelt, o grande democrata



Um aspecto do Congresso americano, onde se refletem tôdas as opiniões do povo da grande república

gida caução demasiada, nem impostas multas excessivas, nem tão pouco aplicados castigos cruéis ou fora do normal.» As palavras desta emenda são quasi totalmente extraídas da Declaração de Direitos Inglesa, de 1689.

«Nós, o povo dos Estados Unidos, ordenamos e estabelecemos...»

As duas emendas finais, IX e X, estabelecem que o Governo Nacional seja apenas um dos poderes enumerados. Assim, diz a emenda IX: «A enumeração de certos direitos na Constituição não deve negar ou desprezar os direitos já adquiridos pelo povo», enquanto a última estabelece que «os poderes não delegados aos Estados Unidos pela Constituição, nem por ela proibidos aos Estados, são reservados a estes, respectivamente, ou ao povo». Parecerá que o povo dos Estados Unidos é quem enumera os direitos e os reserva aos Estados e ao povo. Em outras palavras, tal como vem escrito no preâmbulo da Constituição, «Nós, o povo dos Estados Unidos ordenamos e estabelecemos» a Constituição para que legal e politicamente se possa dizer que os Estados Unidos é uma nação, de preferência a dizer-se, embora mais correctamente, sob o ponto de vista gramatical, que os Estados Unidos são uma nação.

COMO AS CRIANÇAS APRENDEM A VOTAR

por ELISABETH SPRIGGE

APESAR do grande pêso de bombas atiradas sobre ele, apesar do fogo destrutivo lançado pelo inimigo, o Parlamento — «o lugar onde se fala» e o santuário da liberdade de expressão — continua a ser o coração palpitante da grande democracia britânica.

A sua tradição remonta a um passado antiquíssimo e o seu funcionamento é pujantemente jovem. Pouco depois de conquistar a Inglaterra, o Rei Guilherme I teve uma «grande conferência» com o seu Conselho e no século XIII, quando as liberdades do povo foram reconhecidas pela assinatura, em Runnymede, da célebre Magna Carta, este método de governo por conferência ganhara já para o Conselho dos Comuns do Reino o nome de «Parlamento».

A juventude da Grã-Bretanha está hoje animada do espírito dos pioneiros. Ninguém, caso os observe a trabalhar ou nos momentos de ócio, em serviço nacional, no colégio,



Um membro do «governo» expõe o seu ponto de vista

na escola, no clube ou em casa, pode, durante um momento sequer, considerá-los antiquados, manietados pela tradição ou de qualquer forma atolados na lama de sistemas e de ideias já gastos e obsoletos. Se fizermos, por assim dizer, um corte transversal na juventude da Grã-Bretanha, composta de rapazes e raparigas entre os 10 e os 20 anos, vindos de todos os recantos do país, com educação, condições económicas e ambiente doméstico dissemelhantes, e examinarmos as suas atitudes, há um factor

que sobressai e é igual em todos eles.

Nada aceitam sem prova. Exigem que se abram as portas e que a luz mais viva e mais clara do saber illumine todos os aspectos da vida. Política e história, religião, arte, economia, sexo — pouco importa o assunto que se tenha em mente, recusam-se a aceitar de olhos vendados as opiniões de outrem. Não ficam satisfeitos enquanto não examinam com os próprios olhos a oesatura nua e, sobre essa oesatura nua, estão dispostos

(Continua na página 30)

O PARLAMENTO DA JUVENTUDE



O Parlamento da juventude. Os assentos estão dispostos como na Câmara dos Comuns. Nesta fotografia o Primeiro Ministro dirige a discussão

Um «deputado» dirige-se com certo calor ao «Speaker», presidente da Câmara dos Comuns da Juventude



Cena numa estação de caminho de ferrô durante a evacuação das crianças. Esta mulher-polícia verifica se está em ordem o bilhete do rapazinho



Um dos últimos uniformes, que é sempre azul-escuro

ELAS GUARDAM LONDRES

A natureza da assistência social que a polícia feminina pode prestar é deveras valiosa na vida de uma comunidade — é um serviço directo em que os resultados são amiúde imediatos e positivos. A polícia feminina da Grã-Bretanha não pertence a uma força central. Os condados e a maioria dos municípios possuem as suas próprias forças policiais, recebendo subsídios do Ministério do Interior sob condição de manterem um certo nível de eficiência. Cada força tem o seu modo de trabalho, os seus requisitos particulares e o seu próprio uniforme azul-escuro.

Embora o primeiro dever de uma mulher-polícia seja manter o respeito pela lei e evitar ou descobrir delitos, uma grande parte do seu trabalho consiste em dar conselhos e prestar auxílio de uma maneira prática. Mães que não conseguem ter mão nas filhas, filhas com mães de nervos destrambelhadas, raparigas que se encontram em situação difícil ou em ambiente imoral vão ter com a mulher-polícia para lhe pedir auxílio.

Há determinados deveres para os quais a polícia feminina está especialmente bem indicada. Dão conselhos às raparigas que andam nas ruas e fazem inquéritos a respeito de jovens delinquentes ou mulheres que transgridam as leis. Também fazem inquéritos a respeito de mulheres ou crianças de que há notícia de terem desaparecido ou que foram encontradas doentes, feridas por desastre, desamparadas ou a precisar de protecção.

Esta espécie de serviço foi extremamente valioso durante a guerra, quando muitas raparigas novas foram para Londres e para outras grandes cidades onde estavam tropas aquarteladas. A polícia feminina também prestou grande auxílio durante a evacuação em massa de crianças, antes do período da «blitz». Era preciso acompanhar as crianças nas estações de caminho de ferro, ir buscá-las quando chegavam aos seus destinos e procurá-las quando se perdiam ou quando fugiam. Quando começaram os bombardeamentos, crianças que não tinham sido evacuadas ficaram sem pai nem mãe depois de um



Exame de fotografias de criminosos



A polícia em serviço de patrulha



Em um dos portos da costa ocidental a polícia feminina auxilia a militar a verificar o tráfego num dos portões



Homens e mulheres trabalham juntos nas forças da polícia da Grã-Bretanha

ataque aéreo, ou ficaram feridas, ou, ainda, ao abandono. Muitas vezes a polícia feminina prestou auxílio, trabalhando de mãos dadas com os serviços da defesa civil para encontrar um lar para essas crianças ou para lhes procurar os parentes.

Durante a guerra a autoridade dos pais afrouxou necessariamente e durante os últimos cinco anos acrescentou-se a isto, na Grã-Bretanha, a dispersão das famílias, a evacuação e menores facilidades de vida escolar para as crianças que ficavam nas cidades muito bombardeadas. Foi assim que a polícia feminina pôde prestar serviços valiosos ajudando a dominar as circunstâncias.

Não foi esta tóda a extensão do trabalho destas mulheres. A polícia feminina tem os mesmos poderes e muitos dos deveres da polícia masculina.

(Continua na página 28)



Uma estenógrafa toma notas ditadas por um chefe



Sala de arquivo de processos e registros da estação principal da polícia de Birmingham



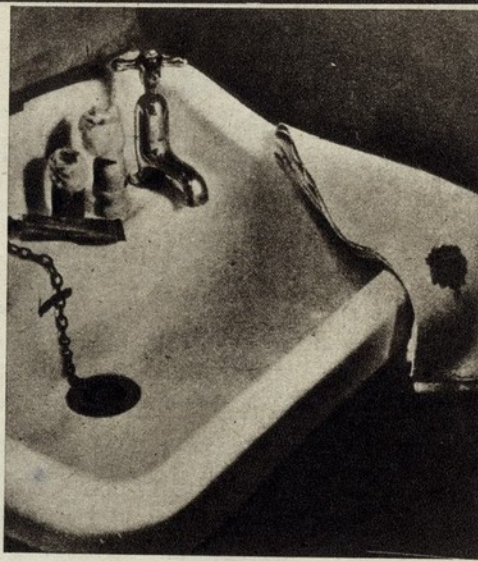
Uma mecânica trata de um carro

FOTO-CRIME

A Morte de um Excêntrico



O inspector Cobbe observou o relógio de pulso da vítima. Parara, precisamente, às três horas menos cinco minutos. Verificou também que Paulo Archer morrera de envenenamento, causado por forte dose de um narcótico, e que a morte se deveria ter dado durante a noite da última sexta-feira. Encontrou, ainda, na mão da vítima, um fundo golpe.



ALÉM disso, achou na casa de banho uma toalha suja de sangue e alguns pingos de sangue no soalho da casa. Visitando a família que vivia mais próxima, cerca de um quilómetro de distância, o inspector teve conhecimento de que Paulo Archer era um excêntrico que vivia absolutamente isolado do mundo, sendo apenas visitado, de quando em quando, pelo irmão e pela cunhada.



NESSE mesmo dia, domingo, à tardinha, o inspector interrogou Cedric e Irma Archer, respectivamente, irmão e cunhada do morto. Cedric declarou: — Esta manhã, muito cedo, fui visitar o meu irmão. Como reparasse que os jornais de sábado e os de hoje ainda estivessem na caixa do correio fiquei alarmado. Ele nunca saía... Depois de tocar várias vezes à porta, e como não obtivesse resposta, resolvi partir o vidro da janela e entrar. Encontrei-o morto. Imediatamente, deixei a casa para ir participar à Polícia. Nada mais podia acrescentar. Teria sido um acidente? Um suicídio ou um crime? No entanto, uma pista se deparou ao inspector que o habilitou a decifrar o enigma.

QUAL FOI ELA?

(Ver a solução na página 80)

ELAS GUARDAM LONDRES

(Continuação da página 21)

Algumas destas mulheres patrulham de uniforme enquanto outras são empregadas como agentes de investigação e trabalham à paisana na descoberta de transgressores contra as leis sobre apostas e lotarias.

Algumas mulheres-policiais são boas mecânicas e tratam da conservação dos carros da polícia. Outras trabalham todo o dia a uma secretária pois a polícia também tem a sua burocracia. Para manter em dia ficheiros e registos minuciosos e exactos e para atender a chamadas urgentes estenógrafas e telefonistas têm de ser excepcionalmente capazes e expeditas. As mulheres que trabalham na secção de investigação criminal exige-se que sejam observadoras e que tenham argúcia para o pormenor. Outra obrigação das mulheres-policiais é acompanhar mulheres e crianças ao tribunal e servirem de apalpadelas, para revistar mulheres presas.

“O trabalho é muito interessante mas é pesado”

As qualidades mais importantes exigidas às mulheres-policiais para o género de serviços sociais que têm a prestar são: perspicácia e benevolência na compreensão do próximo, um temperamento equilibrado e firme e um corpo robusto. O trabalho é muito interessante mas é pesado. As candidatas devem ser apuradas num exame médico severo. Não devem ter menos de 1,60 de altura e não menos de 22 nem mais de 35 anos de idade, embora de longe se aceitem excepcionalmente mulheres mais idosas. Exige-se-lhes também uma boa instrução mas as habilitações variam de secção para secção.

Depois de aceitas, as recrutadas passam habitualmente três meses numa escola de preparação onde se sujeitam a um treino físico completo e estudam a lei, isto é, os deveres, as obrigações e os poderes de uma mulher-policia, as regras para a prestação de testemunhos, etc.. Executam também algum trabalho prático acompanhadas por mulheres-policiais competentes. O nível da remuneração é bom e há aumentos anuais, subsídios e pensões.

As mulheres-policiais da Grã-Bretanha criaram nome no mundo pela sua calma eficiência e pela sua boa disposição. As mulheres policiais demonstraram, na guerra e na paz, que existe para elas um trabalho fraterno que é ao mesmo tempo um grande serviço público desempenhando-o com firmeza, equidade e bom humor.

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



Um elegante casaco de peles

Os modistas Piguet, Chau- mont e Roser apresentam os seus modélos

Chaumont dedica-se a modélos de vestidos e chapéus para tarde. Estes são de renda grossa com laços de veludo. Os vestidos, quando de mangas muito trabalhadas, são simples de linha; quando de mangas esguias são bordados no corpo, na anca ou na orla, com filoses de côres variadas.

Roser prefere tecidos lavrados, ricos, em tons escuros com pormenores subtile de difícil imitação. Os seus chapéus têm sempre qualquer coisa de inédito — um alfinete de pedras, um laço de brocado, uns plissados de tafetá rosa, formando aba, uma espécie de touca em veludo preto...

Piguet dedica grande parte da sua colecção às raparigas. Tons claros, feitiços simples.

Preferência em vestidos de noiva e de primeiro baile.

O vestido da noivado apresenta sempre a seguinte dificuldade: deve ter a simplicidade própria da rapariga solteira, mas deve possuir a imponência não só relativa à cerimónia como ao estado da senhora casada.

Faz as saias com multíssima roda e os corpos extremamente cingidos e novidade: em *drapé* horizontal.

Prefere o tule e o veludo branco — e com esta preferência marca bem a qualidade do seu distinto gosto.

(Continua na página 29)



Bonito chapéu de inverno

Uma meia feita
Outra feita por fazer
Se as não comprar nesta casa
Muito terá que coser

MEIA DE VIDRO

RUA AUGUSTA, 158
L I S B O A

BORDADOS DE ALTA COSTURA

INVERNO 1945/46

R. dos Sapateiros, 139-3.º D.º Telef. 23754
L I S B O A



Teodoro



Apresenta a mais rica colecção de peles importadas, directamente, dos países de origem a preços sem competência nos seus estabelecimentos

R. DO CARMO, 29-30
R. DA PALMA, 117-121

TELEFONE P. B. X.
2 0 7 8 4

L I S B O A



Um chapéu francês do século XIX que inspirou um elegante modelo 1945, em feltro cor de morango



Esta é a moderna versão do chapéu de Jane Seymour, guarnecido com galão verde berrante

A MODA COPIA A ARTE ANTIGA

ISTO de chapéus... enfim: a leitora já sabe que não há excentricidade que não possa admitir-se, sobretudo se os mais extraordinários caprichos do lápis do modelista compõem os penteados cheios de requinte de uma

(Continua na página 28)



O grave chapéu de sir Thomas More serve de motivo a esta boina requintada para a tarde



Este turbante, em amarelo limão, foi inspirado no célebre retrato da italiana Beatriz Cenci



Eis um chapéu em renda gomada, que copia a tóca de uma dama de velhos tempos românticos dos Estados Unidos



Se encontrarem designação melhor mandem-nos dizer

A MULHER ATÓMICA

OS americanos chamam-lhe assim. Não explicam porquê — nem sequer dizem o seu nome. Evidentemente, que não interessa o nome. Para quê? É apenas um tipo de beleza que já conquistou a Broadway e, se era necessário um título de cartaz, não podiam ter escolhido melhor. Também nós não seremos capazes de explicar porque é atômica esta mu-

lher, ou outra de beleza semelhante, mas o certo é que, tanto nós como todos os nossos leitores, hão-de saber — sem saber explicar — que ela é, verdadeiramente, atômica.

Se, de facto, se procura a arma eficiente para combater a bomba atômica — acreditem, leitores amigos — que a está... não há nada que resista.



Swing
nally

UM PERFUME MODERNO

APA



MIGUEL TORGA
(DR. ADOLFO ROCHA)

«Vindima»

Romance de Miguel Torga

EM jornais e, especialmente, em revistas de crítica ande há uns tempos debatida uma questão literária a que deram a designação pretensamente grave de «problema do romance». O qual problema, na meritória sentença dos seus expoentes pretende, cremos, esclarecer a essência e a realização estrutural do romance dos nossos dias.

Andamos há muito, isto é, andam certos críticos mais ou menos espontâneos, a predicar aécres do que deve ser o romance, e, por isso, aconselham determinada fórmula da qual, segundo supõem, resultará a última palavra sobre a feitura e a índole do romance. Então, qualquer escritor fascinado pela receita aconselhada dá-se ao cuidado de a adoptar e mete mãos à obra. Mas, como a arte é contrária a receitas, o trabalho literário é apenas adopção de uma sentença. E por muito que se procure, nem sombra de vida ou de arte se vislumbra na obra produzida. Felizmente, nem todos os romancistas estão de acôrdo com as peroracões críticas dos inovadores do romance.

Entre aqueles, os que sentem e pensam por si próprios, devemos incluir o autor de «Vindima».

Miguel Torga não segue a moda recentemente imposta para a realização do romance. A sua missão é mais elevada, mais bela, mais humana: é criadora porque nos dá a imagem multifária da vida com seus dramas, suas grandezas e seus intuitos baixos e animalescos.

Só um grande romancista nos poderia traduzir tão fielmente o mundo emagurado que vive oculto na alma dos pobres seres que a escravidão bestializou. Do mesmo modo ninguém como Miguel Torga seria capaz de nos dar a natural expressão do sentimento forte da vida no instinto fecundante do amor.

Não suponham, porém, aqueles que ainda não leram o último livro do romancista, que tudo nela é realidade de instintos. Há em «Vindima» passos que são exaltações de beleza, como aquêle em que o romancista nos descreve a ansiedade de dois seres que «iam continuar a colheita dos cachos doces do sonho, os pomos virginais que a voga não tivera forças para tocar.»

Que útil seria para a arte e para o homem se todos os romancistas, à maneira de Miguel Torga, desprezando favelhas sentenças críticas, interpretassem a vida, humanamente, através da verdade e da beleza.

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

«Chão de areia»

de Virgínia Nuno Vilar

VIRGÍNIA NUNO VILAR que no seu livro de versos «Vozes» nos dá por vezes nótulas coloridas da vida campezina e dos sentimentos simples das almas, revela-se no seu último trabalho literário uma poetisa de mais profundo pensamento filológico.

Devemos, contudo, confessar que o seu primeiro livro a que aludimos, posto que de pensamento diverso, encerra uma essência poética mais natural e lírica na exposição dos temas.

No seu recente livro, porém, a poetisa assumiu maior responsabilidade, pois escolheu temas em que ideias e sentimentos são susceptíveis de mais amplo significado interpretativo.

Alguns sonetos do seu livro poderiam, sem desdouro, figurar no lado dos de há muito celebrizados pela fama.

«Chão de areia» é, quanto a nós, uma obra em que as qualidades obliteram uma ou outra deficiência de forma e de imprecisão de ideias. Todavia, nem todas as liberdades de rima, desde que se obedeaça a conceitos clássicos de forma, são desculpáveis. E se a autora não tomasse a mal a sentença, dir-lhe-íamos que não é de bom conselho rimar sádia em vez de sádia com alegria.

Isto, porém, é pequeno reparo que, aliás, em nada altera o valor da obra comentada, e muito menos pouca os méritos da poetisa.

COMPREENSÃO

OS escritores portugueses da nova geração começam a ser traduzidos lá fora.

Apreciando este facto, somos levados a acreditar que nas obras dos actuais romancistas há um significado mais amplo, um pensamento ecuménico que abrange os angustiosos problemas de todos os homens e de todas as latitudes.

Vem estas linhas a ponto do seguinte: Leão Penedo viu em breve ter o seu romance, «Caminhada», traduzido em finlandês.

Além de Ferreira de Castro, cuja obra corre impressa em várias línguas, cremos que nenhum outro escritor actual viu, deste modo, a sua obra tão divulgada no estrangeiro.

Temos que a falta de contacto com outros meios intelectuais terá provocado o isolamento dos nossos romancistas.

Há, porém, quem admita que tal circunstância se deve à mesquinhez do nosso meio ambiente — à falta de temas e à limitação do mundo comocional em que vivemos.

Esta hipótese, nem todos a perfilham; e nós, sem que alguém nos pedisse conselho, diremos não ser aceitável.

Quanto a nós, não é a pequenez do meio social que provoca, lá fora, uma natural indiferença senão incompreensão pelo labor intelectual dos nossos escritores. E, em auxílio do que afirmamos, acodem-nos à memória, entre outros, os nomes e as obras de Sillemar e de Selma Lagerlöf, escritores que, vivendo em pequenos países, tornaram, pelo espírito, universais os seus romances.

Deste facto se pode concluir que a universalidade de uma obra de arte depende, sim, do pensamento que revela e não da grandeza do meio em que o artista vive.

Todos os problemas humanos são universais e não é contando, embora com brilho, um episódio estritamente nacional que o caso relatado na obra pode ser apreendido por qualquer outro povo de sentimentos, sensibilidade e cultura diferentes.

Leão Penedo, como acima dissemos, terá em breve uma das suas obras traduzidas num idioma para nós desconhecido. O facto não representa, apenas, um modo de consagração individual; revela, também, o pensamento universalista do seu romance.

O mundo de amanhã

A leitura de um jornal, costuma dizer-se, é como uma janela aberta para o mundo. De facto, assim é. Mas o mundo sobre o qual hoje nos debruçamos parece feito de imagens infernais. E em vez de contemplarmos amplos horizontes iluminados de esperança, descemos a um abismo inarrável de pavor.

Lemos esta notícia: — Setecentas mil crianças estão na iminência de morrer de fome.

Se este facto se desse um século atrás, quasi poderíamos afirmar, as pessoas que dele tivessem conhecimento morreriam de dor ou enlouqueceriam. Hoje, talvez, nem sequer mereça ligeiro comentário.

Para quê?

Se os homens de há muito ensandeceram, e as crianças são pequenos seres que não servem para a satisfação guerrreira de desvairadas ambições! E há quem acredite no milagre da bondade humana, de um mundo construído sobre corpinhos esqueléticos de crianças esfomeadas!

Razão têm certas pessoas incrédulas quando, indo além do conceito do filósofo, admitem, que o mundo não surgirá do caos físico, mas soborrará na ruína humana!



Duas irmãs — Margaret e Mary O'Grady — sorriem depois do dever cumprido nos campos da Europa

O DESAFIO

de GUEDES DE AMORIM

ENTRANDO na quinta da Portela, em Alvaçães, de manhã, Zeferino sofreu o desaire de encontrar lá, entre cinco carreiros, o sorriso, vaidoso da marca, com quem tinha velhas contas a ajustar. Era sua intenção chegar primeiro ou, pelo menos, muito antes daquele concorrente, dado à basófia e ao achalhão, que não perdia ocasião de alardear teres e haveres, com a declarada intenção de melindrar os demais.

— Bons dias, rapazes!

— Bons dias, Zeferino.

Todos lhe tornaram a saudação, menos o Macário, que de cigarro na boca, disfarçou o olhar para o paquete que dava palha aos bois.

Zeferino removeu, calado, essa atitude de desprezo. Aquêl Macário era um fajeado... Andava sempre

dizer a todos, e a êle, Zeferino, ainda muito mais que a qualquer outro, que eram uns famintos e que os bois que tinham serviam unicamente para o gueno. Parecia um fidalgo, o mariolal! Precitava uma lição, olá, uma lição. Pensando na mãe e na mulher, Zeferino havia sempre retardado a desforra... Porém — tinha-o jurado! — dêsse dia não passaria a sua desforra.

Voltando-se, meio a sorrir, Macário disse para os outros, mas depois de ter olhado, intencionalmente, os bois do Zeferino:

— Vocês supõem que as vacas pôdes servem para puxar pipas de vinho?

Rufino, o vesgo, que não tomava a sério os dichotes do enfatuado, atirou-lhe:

— As nossas vacas servem para mais que os teus elefantes.

— Boas libras dei por êles!

— Se os pagaste...

— Não preciso de pedir tado a ninguém, como muitos que os conheço...

— Não és pobre, Macário, como nós. Mas, não cuspas, que, se não, sujas o fochinho!...

Houve risota. Todos, mais ou menos, detestavam o Macário e aquelas suas maneiras de intoleável farfalhão. Porém, naquele grupo, o que mais a sério o aborrecia era Zeferino. Mais que inveja, tinha-lhe ódio. Uma tarde, havia três anos, os carros de um e de outro haviam-se encontrado na subida de Sanhoana. Velhos e gastos, os bois do Zeferino arrancaram a custo. Novos e bem tratados, os do Macário subiram num ai a ingreme e pedregosa ladeira. E lá de cima o farronco, a rir, gritou: «Queres uma ajuda? Queres que os meus bois vão ai ajudar os teus?» Isto havia sido o máximo! Por mais anos que vivasse, Zeferino jamais perdoaria o escárnio dessa oferta.

Aparceraram o caseiro e o comissário da casa inglesa. Abriram o armazém e chamaram o primeiro carreiro. Começou a carregação. Metida a chave ao tonel, jorrou o vinho roxo e de cheiro forte e embriagante. Encheu-se o primeiro almude e foi lançado à pipa. Almude, atrás de almude, em coisa de uma hora ficou cheio o casco. Veio, a seguir, outro carro, nova pipa atestado. Uns atrás dos outros, os carros seguiram para estação, que ficava dali a um bom quarto de hora, tudo por estrada inclinada.

Zeferino reconheceu que, por felicidade, Macário era o que ia à sua frente. Assim, êle ficava-lhe ao alcance de mão e, melhor ainda, ao alcance da palavra, para poder medir forças. Tinha-o jurado: nesse dia não passaria...

Tôla a manhã e boa parte da tarde levaram-no os carreiros a conduzir pipas de vinho para a estação. Dichots daqui, dichote dali, as viagens seguiam-se umas às outras. O Macá-

rio teimava nas suas impertinências, mas ninguém lhe dava importância de melhor. Os carreiros descarregavam os cascos, mesmo encostados ao vagão de mercadorias, e vinham logo, a picar os bois pela mesma estrada que haviam descido. Fizera isto dez, vinte vezes. Ao fim da tarde, como os seus animais fôsem muito ligeiros, Macário centava mais três viagens sobre os companheiros. Alardeava triunfos, basófia, escarnecendo dos companheiros. E foi, então, que, ao passar por Zeferino, lhe disse, com malvadez:

— Não tens pena de dar trabalho a êsses esqueletos?

— Valem tanto como os teus!

— Estás tolinho! Os meus — não vês? — têm asas nos pés!

Zeferino pensou em atirar-se-lhe e esbofetá-lo. Retraiu o desejo, torceu as mãos e achou melhor propôr um despique:

— Se os teus bois são assim, tão bons, podemos ver qual das duas juntas faz a próxima viagem mais depressa.

— Falas a sério?

— Falo como falam os homens: de baixo de palavra de honra.

— Então, está apostado! — gritou o Macário, radiante.

Rufino veio intervir, para livrar Zeferino de alhadias:

— Dixa-o lá, homem! O que êle quer é divertir-se à tua custa.

— Disse e está dito — teimou Zeferino: — Apostei, está apostado.

Os outros vieram, também, aconselhar Zeferino, mas nada conseguiram.

Começava a chover. A estrada tornou-se, num instante, mais lamacenta e escorregadia. Rufino, a meia voz disse a Zeferino:

— Fizeste mal. A estrada não te pode favorecer. Fizeste mal.

— Mal? Vais ver, vais ver. Acabam-se hoje as fanfarronadas do mariola.

Todos eram de parecer que Zeferino andara mal em propôr tal loucura. Porém, não o condenavam. Voltavam-se mais contra Macário, velhaco e irritante, que só sabia achincalhar os mais necessitados.

Chias as pipas, os dois carros começaram a descer a estrada: Macário à frente dos bois e Zeferino à frente dos seus, também. Os primeiros metros foram vencidos, a par do outro. Os do Macário, depois, tomaram a dianteira. Zeferino aquecido de indignação, chamava os seus animais. Ouvindo o outro a cantar e assobiar, êle pensava na mãe e em Albertina. A cabeça doía-lhe, e a vista turvava-se-lhe. Colérico, Zeferino chegou fortemente o aguilhão aos bichos, que feridos, avançaram rapidamente. Voltaram a seguir par e par os dois carros. Macário picava, feria sem dó nem piedade os seus bois, para que êles retomassem o avanço. Centudo,



com
PÓ DE TALCO
bébé
M^{me} Campos

não o conseguia. Magros, estafados, os de Zeferino, como se tivessem compreendido as intenções de desforra do dono, não cediam uma polegada.

Roda com roda, os carros iam, agora, ao lado um do outro. Macário impertinente, assobiava; e Zeferino lembrando-se da velha e da mulher, feria, bem a fundo, os seus bichos. Tinha os olhos turvos e não ouvia coisa nenhuma. O rôsto da mãe bailava-lhe, por entre sombras, na retina. As palavras do outro entrava-lhe nos ouvidos como pedradas de fogo.

Na estrada lamacenta, os carros corriam o mais o que podiam.

— As tuas carcassas estão quasi a estoirar — disse Macário, numa gargalhada.

— Deixa-os estoirar. Mas a tua farronca acaba hoje.

Não disseram nada mais um ao outro. As rodas, neste momento, numa mais forte inclinação de estrada, bateram fortemente uma contra outra. As duas juntas de bois, quasi ao mesmo tempo, ajoelhraram. Depois, cada um para seu lado, os carros despenhraram-se pelas ribanceiras da direita e da esquerda.

Os companheiros escorreram imediatamente. Sucêdera o que êles tinham previsto. Os carros tinham-se despedaçado. O vinho alagava a terra em volta. Os bois estavam vivos. Os dois homens, porém, tinham encontrado mortes semelhantes.

A MODA COPIA

(Continuação da página 24)

Lucille Moore — o caso presente. Pois Deverly Dew, de Los Angeles, lembrou-se de ir ao passado buscar os seus modelos e parece que não se saiu nada mal. Alguns quadros de retratistas célebre de todo o mundo serviram de inspiração e, quando a loira Lucille se apresentou numa passagem de modelos, foi um êxito retumbante.

Uma coisa é evidente. A moda parece que tem toda a tendência para recorrer ao passado em busca estilizações de modelos elegâncias femininas.

O Real Colégio Militar

(Continuação da página 12)

máquinas, da aparelhagem e muitos assuntos técnicos a êles relacionados. São também submetidos a exames práticos completísimos e esgotantes, para avaliar o seu sangue-frio, equilíbrio, capacidade física e agilidade, como se vê em algumas das fotografias.

Os cadetes aprovados depois de passarem pelos novos métodos de treino em Sandhurst, durante os últimos 5 anos, ficaram certamente aptos a conduzir os homens dos exércitos magníficos que romperam caminho, combatendo com Montgomery desde El Alamein até ao coração da Alemanha, com Alexander através da Itália e com o 14.º exército na Birmânia.

Agora que terminou a guerra tomar-se-ão novas decisões sobre o futuro recrutamento de alunos para a escola de Sandhurst e sobre o tipo de treino a que serão lá submetidos. As honras impercíveis ganhas nos campos de batalha durante os últimos 150 anos pelos oficiais saídos de Sandhurst ter-se-ão juntado novas distinções, novas glórias. Estamos de facto longe da «delgada linha vermelha» dos tempos napoleónicos — a guerra deixou de ser uma arte, é uma ciência extremamente complexa. Tadaavia, não se rompeu com uma tradição — a guerra ainda requiere as mesmas qualidades do esforço humano, da resistência, da aptidão para o comando e da coragem. São estas ainda as qualidades que a Grã-Bretanha espera e obtém dos oficiais dos seus exércitos.

O bêrço das liberdades

(Continuação da página 8)

(isto é, passará do grupo governamental para a opposição ou vice-versa) sem ponderar seriamente o que vai fazer. Na sala de sessões do Parlamento britânico a disposição dos assentos tende a contribuir para uma divisão simples dos partidos e daí a estabilidade notável da política parlamentar britânica. No geral, um homem ou está a favor ou contra.

«A segunda característica... da Câmara dos Comuns,

PAGINA FEMININA

(Continuação da pág. 23)

Jacques Costet mostra a sua colecção

É colorida e variada. Bons casacos postos sobre *tailleurs* e confortáveis canadianas verdes forradas de castor. Algumas com golas altas.

Mangas direitas de dolman.

Os ombros merecem-lhe especiais atenções. São importantes mas não hirtos; arredondados e com dragonas, pregas que vêm da cinta, franzidos, etc.

As abas dos *tailleurs* são onduladas e éstes bastantes curtos. Às vezes, abotoam como as blusas russas.

Os impermeáveis fazem-se acompanhar por bonés de pala. — No mesmo tecido, tendo todos um pano caído atrás, a proteger o cabelo.

O capuz não desapareceu ainda. Vê-se em capas pequenas ou grandes, forradas de vistosos tons.

Isto e Aquilo

Para engordar as pernas

Dando-lhes força. Ponha-se bem direita com as mãos na cinta, elevando-se nas pontas dos pés. Vá flexionando as pernas, subindo e descendo até ficar fatigada. Ande uma hora por dia. Faça bicicleta.

Significado da cor do papel de escrever

Verde — esperança. Azul-cíu-me. Rosa-amor.

Amarelo — Zanga. Rôxo — humidade.

Normalmente, papel é branco ou marfim.

O seu nome

Paulo

Etimologia — Do grego.

Significação — Calmo.

Dia consagrado — 29 de Junho.

Inteligência viva, espirito sempre de atalaia. Vontade variável: segue obstinadamente uma ideia e depois fatiga-se. Influenciável. Alegre, com acessos de cólera que passam depressa. Gosta de arrelhar mas é sensível e effectuoso.

Talismãs:

Pedra — ágata — símbolo de bondade.

Cor — branca — símbolo de probidade.

Planta — avenca — símbolo de sensibilidade.

— prosseguiu o Sr. Churchill, — é que não será suficientemente espaçosa para comportar, ao mesmo tempo, todos os seus membros, sem ficar apinhada, e que está definitivamente de parte a ideia de qualquer membro possuir um assento individual que lhe seja exclusivamente reservado. A razão justificativa deste critério há muito que representa um quebracabeças para as alheias à Câmara e têm provocado frequentemente a curiosidade e até a crítica de novos parlamentares.

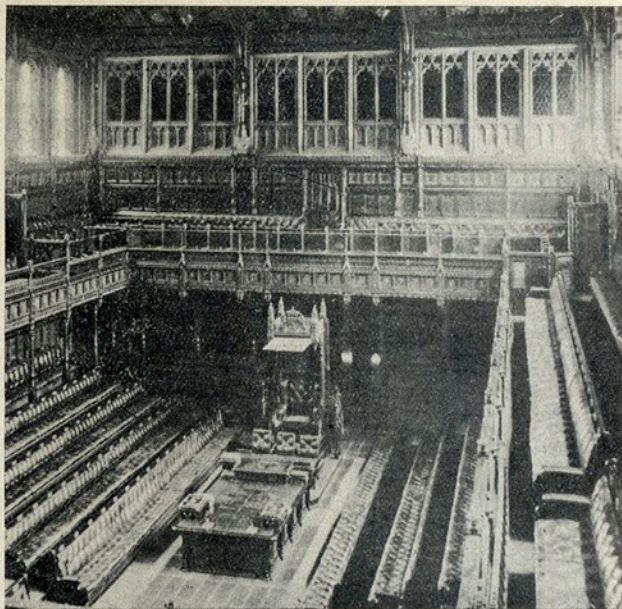
«No entanto não é muito difícil de perceber... Se a sala das sessões fôsse suficientemente ampla para conter todos os seus membros, nove décimos dos seus debates efectuar-se-iam na atmosfera deprimente de uma sala quasi vazia ou meio vazia. A essência da boa oratória na Câmara dos Comuns é o estilo colloquio, a facilidade para interrupções e troca de pareceres, rápidas e isentas de formalidades. As arengas pronunciadas de uma tribuna seriam fraca alternativa para o estilo franco em que tão grande soma dos assuntos são tratados.

«O estilo colloquio requiere, porém, espaço relativamente pequeno e, nas grandes ocasiões, deve existir a impressão de grande afluxo de membros e de rapidez. Deve fazer sentir-se a importância de muito do que se está a dizer e a impressão de que a Câmara está, nessa mesma ocasião, a decidir assuntos de monta.»

Conquanto fôsem mais de 600 os parlamentares a antiga Câmara dos Comuns só tinha acomodação para sentar 476 — uma característica que se reproduz na nova sala das sessões.

A antiga Câmara dos Comuns foi uma criação dos meados do século XIX. Foi construída no estilo neo-gótico, então em voga, e harmonizadas de uma maneira geral com a vizinha Abadia de Westminster e outros edificios próximos que datam de épocas medievais. A renascença gótica está hoje fora de moda mas a maior parte da gente ainda admira o Palácio de Westminster, de que fazia parte a destruída sala das sessões da Câmara dos Comuns.

Com a sua vasta frontaria, que dá para o Tamisa, é um edificio nobre e apropriado, no qual o carácter ambicioso da arte gótica está reconciliado com o sentido clássico da massa e da linha. O architecto da nova Câmara, Sir Giles Gilbert Scott, apresentou planos de um edificio que, sob muitos pontos de vista, será uma reprodução do antigo. Introduziram-se melhoramentos no que respeita a aquecimento e ventilação, haverá acomodações melhores para visitas e para a imprensa e uma decoração mais simples substituirá o exuberante go-



Um aspecto da Câmara dos Comuns

tico victoriano da antiga Câmara.

Alguns parlamentares fizeram saber que preferiam um estilo mais moderno. Houve até uma proposta para se construir uma nova Câmara dos Comuns super-moderna a algumas milhas fora de Londres mas a maioria concorda com o desejo do Sr. Churchill de conservar o estilo gótico, que confere aos debates parlamentares certa solenidade e harmoniza de maneira adequada com os costumes e os cargos da Câmara dos Comuns que têm séculos de existência; é o estilo do período em que lançou as suas raízes o Parlamento, o mais velho de todos é o estilo de tantas escolas, colégios, bibliotecas, para não falar dos templos da Grã-Bretanha. Por uma questão de sentimento, há o desejo de se conservar o quadro em que

se deram os debates memoráveis daquela época orgulhosa do governo parlamentar britânico, a era victoriana, com as suas memórias de Palmerston, Disraeli, Gladstone e tantos outros.

Ainda está de pé um dos arcos danificados pela explosão das bombas e o sr. Churchill exprimiu o desejo de que este arco fôsse conservado intacto «como um monumento das provações porque passou Westminster durante esta grande guerra e para recordar aquêles que virão séculos depois de nós que podem olhar de tempos a tempos para o passado e para aqueles que defenderam a Ilha nos dias heróicos de antanho.»

ANUNCIAR NO
MUNDO GRÁFICO



Com NIVEA
podeis trabalhar sem receio

Graças ao Creme Nivea as mãos das donas de casa sujeitas a todos os trabalhos não se estrogam. A noite e depois do trabalho caseiro, deve cuidar-se das mãos com Nivea para que fiquem sempre macias e lisas. Mesmo que a pele seja seca e dura, o uso de Creme Nivea torna-a aveludada.

Preço desde 6\$00

Deposito:
Pestana, Branco & Fernandes, Ltda
39, Rua Sapateiros, Lisboa



O PARLAMENTO DA JUVENTUDE

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 19)

a moldar a carne das suas próprias opiniões, pelo estudo aturado e paciente.

Isto não significa que a juventude da Grã-Bretanha menospreze o saber e a experiência dos seus maiores. Longe disso. Estão ávidos de auxílio mas todos os conferentes descobrem que esta gente nova constitui o mais exigente dos auditórios porque está tão faminta da verdade que só a razão pura a satisfaz e o especialista pode encontrar dificuldade em descer do último andar da torre que levou anos a construir pela cogitação e pelo estudo para analisar e explicar a estrutura dos seus alicerces, mas, se não o fizer, o seu jovem auditório não se deixará impressionar pelas culminâncias, por muito elevadas que sejam e mesmo se estiverem coroadas de glória.

À procura do padrão do futuro

A juventude anda, porém, à procura do seu próprio padrão para o futuro, mas não põe de banda a tradição meramente porque é antiga nem a exalta por esta mesma razão e, assim, os rapazes e as raparigas descobriram que, para dar largueza às suas ideias e cristalizá-las, podem fazer uso proveitoso do sistema antigo e democrático de governo do seu país.

A maioria dos clubes da juventude, quer sejam de um único sexo quer mixtos, são dirigidos por uma comissão administrativa constituída por adultos e jovens, conjuntamente, e por sub-comissões constituídas pelos próprios rapazes e raparigas. Além disso, para a discussão interclubes de assuntos de interes-

WIMBLEDON

(Continuação da página 17)

da América do Sul, joge-se em toda a Índia e em todo o Extremo-Oriente... da China ao Perú estende-se a rede.

Wimbledon foi o viveiro do jôgo e ali se criaram os gigantes do passado. Em cada década acrescentou-se mais alguma coisa ao jôgo, como resultado da habilidade dos jogadores que têm competido nos seus campos célebres. Wimbledon, cujo campeonato é um acontecimento de importância mundial, é o centro de verificação da pericia mundial no jôgo do ténis. A vitória do campeonato é a marca de contraste do grande jogador, seja qual for a sua nacionalidade.

Em 1946, Wimbledon voltará a ser o que era e os gigantes do ténis tornarão a bater-se nos seus campos, quando os melhores jogadores de cada nação competirem para assegurar a supremacia mundial do seu país neste grande desporto nascido na Grã-Bretanha.

segeral, algumas organizações instituíram parlamentos centrais aos quais os clubes locais mandam os seus representantes, eleitos para esse fim.

Tais parlamentos da juventude são, de facto, miniaturas da Câmara dos Comuns da Grã-Bretanha e funcionam da mesma maneira tradicional. Esta experiência ensinou aos membros que o Parlamento, apesar do sentido etimológico do seu nome, não é meramente uma sala comum onde se ventila opiniões ou se escuta a sua própria voz mas sim uma organização muito bem constituída para o debate ordeiro.

Ocupam-se a sério dos assuntos públicos

Assim, na sessão inaugural à semelhança do que sucede no próprio Parlamento da Grã-Bretanha, os membros elegem o seu «speaker», que é o presidente da Câmara dos Comuns, e ele ou ela, seguido de todos os outros membros jura fidelidade ao trono. Por vezes, os membros preferem ter como «speaker» um dirigente adulto de um club; outras elegem um dos próprios membros. Em seguida, esco-

lhem-se os ministros e essa escolha recae sobre determinados membros, em parte por terem estes conhecimentos especiais de assuntos específicos ou tomarem interesse especializado nesses assuntos e em parte por terem aptidão para falar.

Reina muita alegria durante estes preliminares mas, uma vez instituídos os cargos, os membros são obrigados a dirigir tôdas as suas observações ao «speaker», na sua cadeira presidencial, e não pode referir-se a qualquer outro membro pelo seu nome mas sim usando as fórmulas adoptadas na verdadeira Câmara dos Comuns, a saber: o meu illustre ou o meu nobre amigo, o illustre cavalheiro ou qualquer outra semelhante. Numa particularidade apenas estes parlamentos da juventude diferem da Instituição Mãe. Os membros falam geralmente como independentes e não como membros de um partido político especial enquanto que, na verdadeira Câmara dos Comuns, embora lá haja independentes, constituem mais uma excepção do que uma regra.

Num dos parlamentos da juventude da cidade de Londres o actual «Primeiro Ministro» é um rapaz cego empregado como estenógrafo no Ministério do Trabalho. É um membro activo do seu próprio clube local onde, entre outras actividades, tira real prazer de um jôgo de xadrez de primeira categoria. Este Parlamento ocupa-se muito a sério dos assuntos públicos. O seu «Presidente da Junta Educativa», uma rapariga que trabalha na Repartição de Impostos sobre Espectáculos do Ministério do Comércio, apresentou na Câmara uma proposta de lei sobre a educação, baseada no Livro Branco do sr. Butler, de maneira tão feliz que estimulou um debate construtivo entre os rapazes e as raparigas que tinham o seu próprio sistema de educação, recente ou actual, como ponto de referência e comparação com as reformas propostas.

As suas próprias ideias eram naturalmente mais violentas do que as do governo porque essa é a tendência da juventude. No fim do debate a Câmara votou correctamente por «Sim» e «Não» e o projecto de lei foi aprovado por grande maioria.

O «Ministro da Reconstrução» está a tirar o curso de arquitectura e por isso os problemas da urbanização e do aproveitamento da terra tem para ele um interesse natural e ele pode elaborar um Livro Branco próprio (chamam-se livros brancos às publicações oficiais do governo britânico), baseado em parte nos relatórios recentes apresentados ao governo pelas comissões Scott e Uthwatt sobre os mesmos assuntos.

Tanto como a Educação e a Saúde, os membros sabem per-

A SOLUÇÃO DE FOTO-CRIME

QUANDO o inspector Cobbe entrou na casa de banho, reparou na espuma de sabão que estava no pincel de barba, o que demonstrava que alguém o utilizara naquela manhã. (É sabido que, em poucas horas, a espuma de sabão desaparece).

Não podia ter sido Paul Archer a utilizá-lo, pois este, como estava averiguado, morreu na sexta-feira. Havia só duas hipóteses a admitir.

Ou Cedric usara o pincel, e neste caso as suas declarações haviam sido completamente falsas, ou qualquer outro homem havia estado naquela habitação, depois de se ter verificado a morte.

Usando de um estratagem engenhoso, o inspector Cobbe conseguiu apanhar as impressões digitais de Cedric que verificou serem iguais às que se encontravam no cabo do pincel.

Apertados os interrogatórios, Cedric e Irma confessaram que haviam praticado o crime na sexta-feira. Como Irma se tivesse esquecido das suas luvas, na madrugada de domingo, Cedric deslocara-se a casa do irmão para as ir buscar. Pensando, então, que seria um estratagem bom, a história que depois contou, deixou-se estar até que fosse dia para ir chamar a polícia. Para se entreter fizera a barba, deixando assim uma pista que levou ao seu desmascaramento.

feitamente quanto estas questões são de importância essencial para eles. Estão resolvidos a conhecê-las melhor e a aprender a formar e a exprimir opiniões a fim de poderem em tempo, fazer uso pleno dos seus direitos democráticos e exercer influência sobre o seu governo. O que os leva a gastar horas do seu tempo disponível a estudar tais assuntos e muitas vezes a fazer longas viagens apesar da falta de transporte (e de possíveis ataques aéreos, durante a guerra) para estarem presentes nas reuniões do seu Parlamento.

Convidam às vezes funcionários públicos ou outras autoridades a visitar a sua Câmara dos Comuns à «Hora das Perguntas» e procuram assegurar-se sempre de que, nestas ocasiões, têm o assunto a debater suficientemente estudado para tirar toda a vantagem da presença de um perito.

Hoje em dia não é fácil ser-se novo na Grã-Bretanha. Os salários podem ser elevados mas o trabalho é duro e os bons tempos e as coisas boas escasseiam. A vida feliz com que sonham todos os rapazes e raparigas está tão longe deles como a cena de um filme. Não obstante, esta gente nova, lutando com as condições difíceis e amíde separados dos que lhe são queridos, está, de sua própria iniciativa, a aprender a compreender os problemas com que o mundo se defronta.



SABE-ME
BEM A
COMIDA!

Desapareceu
o excesso
de acidez

Uma digestão normal, sã e bom apetite, estão ao seu alcance se puzer termo às suas perturbações digestivas com Magnésia Bisurada. Flatulência, ardores e dispensia, eis os sintomas da hiperacididez. Neutralizando-a, desaparecem as perturbações e o estômago passa a andar bem. Basta uma colherzinha de Magnésia Bisurada em pó ou 2 a 4 comprimidos.

DIGESTÃO ASSEGURADA
MAGNÉSIA
BISURADA

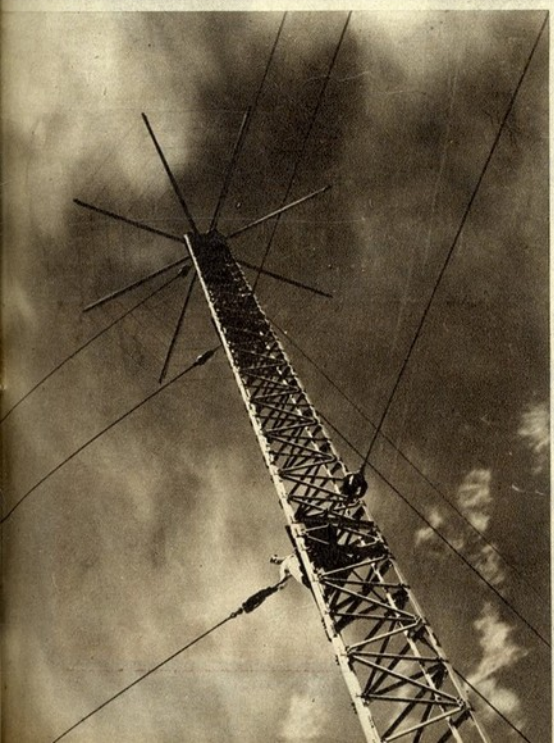
A venda em tôdas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.

A VOZ DE LONDRES

FALA

E O MUNDO ACREDITA

O conhecido actor Jack Buchanan, num programa seu, que foi transmitido com muito êxito pela B. B. C.



**TEATRO PARA OS
SOLDADOS INGLÊSES**



**MUNDO
GRAFICO**